



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Girlane Araújo Braz da Rosa

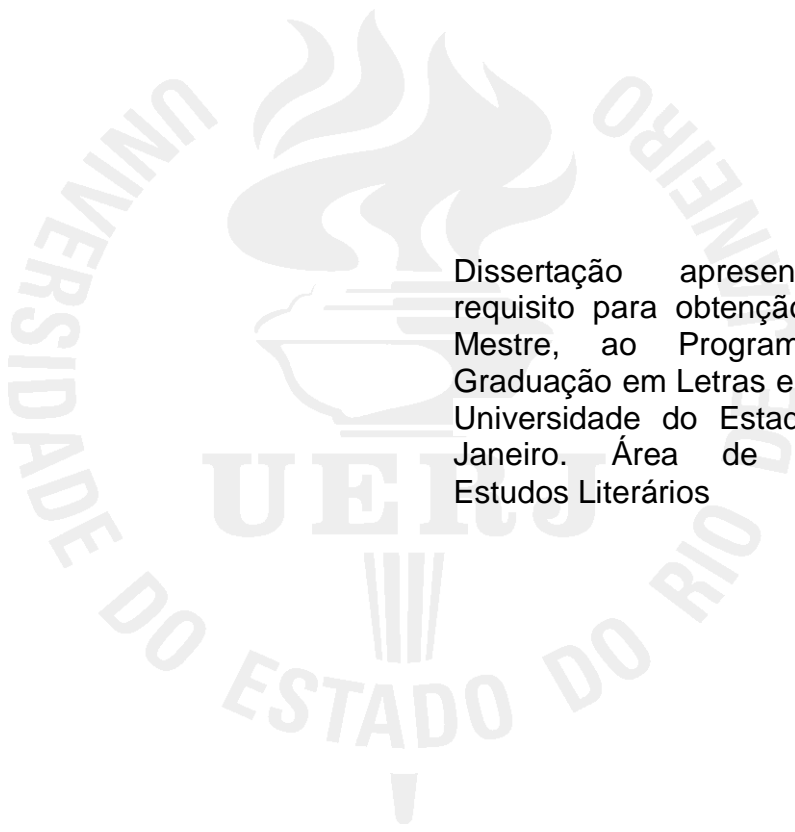
Violência e cuidado em *O homem duplicado*, de José Saramago

São Gonçalo

2019

Girlane Araújo Braz da Rosa

Violência e cuidado em *O homem duplicado*, de José Saramago



Dissertação apresentada, como requisito para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Literários

Orientadora: Prof.^a Dra. Eloísa Porto Corrêa Allevato Braem

São Gonçalo

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

R788 Rosa, Girlane Araújo Braz da.
Violência e cuidado em O homem duplicado, de José Saramago /
Girlane Araújo Braz da Rosa. – 2019.
82f.

Orientadora: Prof.^a Dra. Eloísa Porto Corrêa Allevato Braem.
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade
do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de
Professores.

1. Saramago, José, 1922-2010 – Crítica e interpretação – Teses.
2. Saramago, José, 1922-2010. O homem duplicado – Teses. 3.
Violência – Teses. I. Braem, Eloísa Porto Corrêa Allevato. II.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação
de Professores. III. Título.

CRB/7 - 4994

CDU 869.0-95

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Girlane Araújo Braz da Rosa

Violência e cuidado em *O homem duplicado*, de José Saramago

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Literários

Aprovada em de 28 de outubro de 2019.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Eloísa Porto Corrêa Allevato Braem (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof.^a Dra. Norma Sueli Rosa Lima
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof. Dr. Rafael Santana Gomes
Universidade Federal do Rio de Janeiro

São Gonçalo

2019

AGRADECIMENTOS

À professora Eloísa Porto Corrêa Allevato Braem, pela orientação inegavelmente eficiente e segura, pelas valiosas sugestões e pelo encorajamento em cada etapa.

Aos professores do PPLIN, pelo interesse e esforço em prol da pesquisa e do crescimento acadêmico na instituição, mesmo em tempos sombrios.

À UERJ, pelas oportunidades de crescimento pessoal e profissional.

Aos amigos do Mestrado, pela convivência e companheirismo que jamais esquecerei. Ao Aylton, pelo apoio e compreensão constantes durante a realização do Mestrado.

À minha família, especialmente à minha mãe, que sempre incentivou os meus estudos e que me dá forças para não desistir.

As grandes mentiras são as primeiras a acreditar profundamente nos enganos que proclamam como verdades.

José Saramago, Último caderno de Lanzarote

RESUMO

ROSA, Girlane Araújo Braz da. *Violência e cuidado em O homem duplicado, de José Saramago*. 2019. 82f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019.

A presente dissertação de mestrado aborda algumas representações da violência, mais especificamente da violência doméstica, da institucional e da simbólica, no romance *O Homem duplicado* (2002), obra da segunda fase romanesca de José Saramago, marcada pelas tensões e reflexões sobre o homem contemporâneo. Além disso, contrapomos alguns comportamentos violentos de personagens como o antagonista António Claro – contra a esposa Helena, contra seu rival Tertuliano Máximo Afonso e contra a namorada deste, Maria da Paz – a gestos de cuidado, praticados por personagens femininas da narrativa, como os da mãe, da namorada e da vizinha de Tertuliano. Antes da análise das manifestações da violência e do cuidado no romance, a fim de entendermos a obra de Saramago, comentamos um pouco sobre o contexto histórico-social da produção literária do autor e sobre seu hábito de desconstruir imagens de heróis e figura icônicas da historiografia, para valorizar feitos populares e denunciar mazelas enfrentadas por membros das camadas menos favorecidas da sociedade ficcional. Como apoio teórico, para tratarmos das marcas da pós-modernidade na obra em cotejo, dialogamos com estudos de Bauman (1999). Ao abordarmos os elementos da violência na narrativa, partimos das pesquisas de Minayo (2009), Michel Foucault (1987) e Bourdieu (1989). Sobre as formas do cuidado e sua escassez nas sociedades contemporâneas, dialogamos com os estudos de Leonardo Boff (2017). Assim, o estudo pretende contribuir para uma maior compreensão da obra de Saramago e(m) suas abordagens da violência e da escassez do cuidado em sociedades contemporaneidade.

Palavras-chave: Violência. Cuidado. Saramago. *O homem duplicado*.

RESUMEN

ROSA, Girlane Araújo Braz da. *Violência y cuidado en El hombre duplicado, de José Saramago*. 2019. 82f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019.

La presente tesis de maestría aborda algunas representaciones de la violencia, más específicamente la violencia doméstica, institucional y simbólica, en la novela *El Hombre duplicado* (2002), obra de la segunda fase de la novela de José Saramago, marcada por tensiones y reflexiones sobre el hombre contemporáneo. Además, contrastamos algunos comportamientos violentos de personajes como el antagonista António Claro - contra su esposa Helena, contra su rival Tertuliano Máximo Afonso y contra su novia, María da Paz- con gestos de cariño, practicados por personajes femeninos de la narrativa, como Madre, novia y vecina de Tertuliano. Antes de analizar las manifestaciones de violencia y cuidado en la novela, para entender la obra de Saramago, comentamos un poco sobre el contexto histórico-social de la producción literaria del autor y sobre su hábito de desconstruir imágenes de héroes y figuras icónicas en la historiografía, para valorar los logros populares y denunciar los problemas que enfrentan los miembros de los estratos menos favorecidos de la sociedad ficticia. Como soporte teórico, para abordar las marcas de la posmodernidad en el trabajo en colación, dialogamos con los estudios de Baumam (1999). Al abordar los elementos de violencia en la narrativa, partimos de la investigación de Minayo (2009), Michel Foucault (1987) y Bourdieu (1989). Sobre las formas de cuidado y su escasez en las sociedades contemporáneas, dialogamos con los estudios de Leonardo Boff (2017). Así, el estudio tiene como objetivo contribuir a una mayor comprensión del trabajo de Saramago y (m) sus enfoques sobre la violencia y la escasez de cuidados en las sociedades contemporáneas, dialogamos con los estudios de Leonardo Boff (2017). Así, el estudio tiene como objetivo contribuir a una mayor comprensión del trabajo de Saramago y (m) sus enfoques sobre la violencia y la escasez de precauciones en las sociedades contemporáneas.

Palabras clave: Violencia. Preucación. Saramago. *El hombre duplicado*.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	8
1	APONTAMENTOS SOBRE A NARRATIVA DO SÉCULO XX E A PROPOSTA DE SARAMAGO	15
2	VIGIAR, PUNIR E CONTROLAR: A SOCIEDADE PELO OLHAR DE FOUCAULT	30
3	VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, INSTITUCIONAL E SIMBÓLICA: ALGUNS CONCEITOS E PONDERAÇÕES	39
4	REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA E DO CUIDADO EM O <i>HOMEM DUPLICADO</i>	46
4.1	Do zelo à violência doméstica: proteção maternal e abuso marital em <i>O homem duplicado</i>	52
4.2	Violência institucional: a escola e o trabalho de Tertuliano	60
4.3	Os clichês em <i>O homem duplicado</i>: violência simbólica e desconstrução libertadora	68
	CONCLUSÕES	75
	REFERÊNCIAS	80

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa abordar três manifestações da violência: a institucional, a doméstica e a simbólica, como são representadas em *O homem duplicado* (2002), obra da segunda fase romanesca de Saramago, marcada pelas tensões e reflexões sobre o homem moderno. O cotejo será feito, principalmente, através dos comportamentos e das relações estabelecidas entre as personagens masculinas Tertuliano Máximo Afonso (o protagonista) e seu rival António Claro.

Além disso, nessa pesquisa, observa-se também como outras personagens, predominantemente femininas, na via oposta à da violência masculina, ocupam seu tempo em cuidar do próximo. É o que fazem a mãe, a namorada e até a vizinha do protagonista Tertuliano, além da esposa do antagonista António Claro.

No decorrer de sua trajetória, Saramago preocupou-se em narrar, dialogando com os contextos histórico e social, desconstruindo imagens de heróis e figuras icônicas da historiografia, para valorizar feitos populares e denunciar mazelas enfrentadas por membros das camadas menos favorecidas da sociedade. É o que se nota na narrativa em questão, protagonizada por personagens humildes, como professores, bancários, donas de casa e atores secundários, desprovidos de heroísmos.

Antes de abordarmos o modo como Saramago dialoga com a história nos romances de sua segunda fase romanesca, como é o caso de *O homem duplicado* (2002), primeiramente é preciso estudarmos como se inicia esse diálogo na sua obra, sobretudo na sua fase de metaficção historiográfica, de acordo com Teresa Cerdeira:

[...] não se trata de um texto que, enquanto ficção, tangencia o histórico porque utiliza informações verídicas que, eventualmente, são objeto da História, mas de um discurso que, em sua execução e propósitos, se revela organizador da História por intermédio do ficcional. (CERDEIRA, 2000, p.26)

Essa organização da história pelo ficcional acaba por oferecer outra versão dos acontecimentos, que preenche uma lacuna da versão oficial da história ou desconstrói a imagem de algum herói, de modo iconoclasta.

As abordagens ficcionais do historiográfico constituíram, na narrativa

saramaguiana, o que Cerdeira trata como “testemunho do tempo”, ou seja, uma narrativa com influência neorrealista, em que Saramago “pensa o presente engajando-se a questioná-lo, conhecê-lo e transformá-lo” (2000, p.25) através do olhar para o passado. Nas narrativas da segunda fase de sua obra romanesca, iniciada com a publicação de *Ensaio sobre a cegueira*, em 1995, é comum encontrarmos também essas denúncias de problemáticas que afetam a sociedade lusitana. No entanto, Saramago volta-se mais à investigação do tempo presente e às provocações sobre a constituição social em um mundo globalizado. Ou seja, trata-se de uma fase mais existencialista na abordagem dos acontecimentos, em que não se deixa de dialogar com a historiografia, porém se observam os fenômenos do seu momento histórico, ligados à globalização vigente no século XX, à massificação e à fragmentação das identidades nos indivíduos, conforme ressalta Stuart Hall:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas (HALL, 2004,p. 12).

É o que observamos na personagem Tertuliano Máximo Afonso, indivíduo em busca de consolidação de sua identidade ou de suas múltiplas identidades na obra, representante de uma sociedade fragmentada que projeta em suas ações traços do individualismo presente na sociedade contemporânea e os questionamentos sobre a própria identidade. Esse sujeito fragmentado revela-se a partir da aparição do duplo e das suas problemáticas ao aceitar a condição atual de duplicidade.

Observamos que a literatura de José Saramago se ergue, primeiramente, no “tripé composto pela História, os temas imprevistos, originais e a ideologia” (CERDEIRA, 2000, p.25) de forte cariz marxista, que não apenas criticam vários aspectos do sistema capitalista, das camadas burguesas no poder, como também denunciam a exploração de membros das camadas proletarizadas, como lembra Massaud Moisés (2008, p.527). Ainda em consonância com tais ideais marxistas, Saramago apresenta forte tendência, em suas obras, à emancipação de figuras humildes ou oprimidas, no espelho das revoluções proletárias propostas por Marx, como ocorre em *Memorial do Convento* (1982) e em *Levantado do Chão* (1980). Nesta última, em que se encontra uma família, Mau-Tempo, pode transformar-se em Espada e figuras humildes destacam-se por inventos e ações grandiosas, enquanto reis, autoridades, membros da elite econômica e política aparecem em atos e gestos

desprezíveis, explorando humildes, oprimindo, humilhando figuras do povo. As obras de Saramago são, por isso, inconfundíveis quanto aos temas e procedimentos linguísticos, desconstruindo o senso comum e a *doxa* – conjunto de costumes e práticas culturais em uso por um povo, e lançando mão de uma sintaxe tão particular que desconstrói usos com finalidade de agilizar diálogos e tirar proveito da polifonia, entre outras coisas, segundo Eloísa Porto Corrêa Allevato Braem (2004, p. 25).

O confronto da História oficial *versus* a história ficcional é trabalhado em suas obras, a fim de questionar a História apresentada pelas obras e documentos canônicos, legitimados pela palavra escrita, problematizando as Histórias consagradas ditas superiores às relatadas de forma menos formal e protagonizadas por figuras populares. Ao promover tais questionamentos e desconstruções da tradição, Saramago “organiza o passado em função do presente”, como afirma Cerdeira (2000), desta forma, redefinindo as funções sociais que a História possui. Saramago busca, com isso, o apagamento de uma História em favor de outras, até então menos legitimadas socialmente. Tal tarefa é preconizada por Walter Benjamin (1987), em um estudo conceituado sobre a História, no qual insiste na rememoração do passado, ao tecer comentários sobre o historicismo que, segundo o autor, “culmina legitimamente na história universal”, isto é, “não tem qualquer armação teórica (...) e seu procedimento é aditivo” (p.231). A partir desses pressupostos, o historicismo pretende mascarar a luta de classes e, por fim, contar a história dos vencedores, provocando, assim, o apagamento da memória dos excluídos/esquecidos da História oficial. Saramago através de suas obras revisa o passado para “dessacralizar conceitos e atomizar discursos com fito de pôr em xeque a tradição dos poderosos”, como comenta Calegari (2005, p. 25).

Assim, a estratégia de apagamento da memória contribui para que os elos entre o passado e o presente sejam destruídos. Segundo Benjamin (1987), as relações entre os pretéritos acontecimentos e o presente são rompidas, isto é, tal desconstrução determina a consolidação dos interesses da elite. Por esse motivo, o questionamento dessa consciência, a qual Saramago propõe em suas narrativas, é relevante conquanto expõe à humanidade um leque de possibilidades a respeito do seu próprio lugar no mundo, o sentimento de pertencimento é aflorado e questionado a partir das indagações propostas.

A tentativa de se manterem vivas as memórias do passado, tal qual vemos sutilmente em *O homem duplicado* (2002) entre outras obras, ameaça a ordem

autoritariamente imposta pelos poderosos (diretor, Ministério da Educação). Tertuliano se esforça na empreitada do ensino da História, ao tentar correlacionar seu ensino-aprendizagem com o social e desejar “dar voz” ao oprimido ou ao menos favorecidos (seus alunos), no entanto, se depara com um obstáculo, que é a instituição escolar, como se nota no fragmento a seguir:

As emendas estão feitas, as notas dadas em função dos erros cometidos, mas, ao contrário do costume, que seria entregar-vos simplesmente exercícios, vamos dedicar o tempo desta aula à análise dos erros, isto é, quero ouvir de cada um de vocês as razões que me forem dadas me levem a mudar a nota (SARAMAGO, 2002, p. 45).

Mesmo submetido ao costume e às normas institucionais escolares de disciplinar, emendar e quantificar os comportamentos dos alunos, o professor encontra um modo de ouvi-los e valorizar suas vozes e autorias. Tais observações, por um lado, ratificam a ideia de que o percurso histórico é feito para servir às ideologias tracejadas pela elite. O controle social articulado à elite implica atribuição de métodos que suprimem a memória coletiva e o passado. Mas, por outro lado, mostra também que há modos de oprimidos resistirem e até de darem voz e vez a outros oprimidos.

O autor denuncia sutilmente esse apagamento da História e as razões para que se faz. Na obra, observamos que Tertuliano, antes preocupado em (re)contar a História, passa a criar a própria narrativa ao “dar voz” a seus alunos e às suas próprias vontades. Bourdieu (1987, p. 81) ressalta que a Instituição, por vezes, usa o racionalismo como estratégia para administrar os desejos de um grupo ou um indivíduo, a fim de favorecer os ocupantes de grupos elitizados e enfraquecer a memória dos mais vulneráveis. De certo modo, Tertuliano faz parte desse grupo “vulnerável” economicamente, por ser professor secundário, reprimido ao longo do tempo, sem muitos recursos financeiros e sem incentivo profissional que possibilitasse a releitura da História (como gostaria o professor de História) com vistas aos interesses de libertação sua e conscientização de seus alunos sobre relações de poder na sociedade e inscritas também na História.

Conforme Todorov (2000), uma proposta de “verdade” deve adequar-se ao conceito de realidade forjada pelos seus autores/repressores, assim a reflexão evidencia o quanto nos regimes totalitários – como o Salazarista, o Nazista, o Fascista, no século XX, ou no Brasil, a Era Vargas e a militarista – autoridades

agiram no sentido de suprimir a memória coletiva de eventos catastróficos e violentos dos povos subjugados e (re)construir uma memória idealizada. É este conceito de apagamento histórico que é questionado nas narrativas de Saramago de diferentes modos e também em *O homem duplicado* (2002). Mas, a personagem principal, Tertuliano, que primeiramente critica a história oficial – com todos os seus apagamentos, inclusive do protagonismo dos humildes e dos eventos violentos para reprimi-los – por fim também busca apagar sua história pregressa, quando por fim absorve a identidade de seu duplo, ao promover o desaparecimento de uma história em detrimento de outra; como evidencia no fragmento: “Aonde vais agora, Por aí, a recolher os cacos e a disfarçar as cicatrizes, Como António Claro, Sim, o outro está morto.” (SARAMAGO, 2002, p.313).

A escassez de reflexão sobre os episódios históricos leva o indivíduo a não questionar a maneira pela qual a história é contada ou de que forma se realizou e a não questionar regimes autoritários, instituições, Religião e Estado. Segundo Benjamim (1987, p. 226), é necessário construir um conceito de História em que a “exceção”, os oprimidos, sejam inseridos como regra geral e justamente os episódios violentos não se extingam da memória dos povos. Tal ideal é defendido nas narrativas de Saramago e, principalmente, nas pertencentes à primeira fase do escritor. A falta dessa reflexão crítica pode ajudar até a explicar alguns conformismos de Tertuliano e Helena diante dos seus dominadores pessoais – como o domínio de António Claro em relação à esposa Helena e o da instituição escolar em relação ao professor/funcionário Tertuliano – abrindo margem para que os dominantes propaguem suas ideologias de forma quase incontestável, pelo menos por um período de tempo, prejudicando qualquer manifestação contrária aos seus interesses impostos. Vemos estes exemplos com mais detalhes à frente, no capítulo quatro, quando analisamos algumas representações da violência em *O homem duplicado* (2002), a partir de comportamentos do antagonista António Claro, de experiências de Tertuliano no seu trabalho na escola, entre outros exemplos.

Entretanto, primeiramente, fazemos considerações sobre alguns movimentos na literatura portuguesa do século XX, os que consideramos relevantes para a compreensão do romance de Saramago. Nesse primeiro capítulo, dialogamos com as obras de Carlos Reis (1990, 2003) e António José Saraiva (1970) sobre alguns aspectos da literatura lusitana realista e da neorrealista, que precedem a produção saramaguiana e que lhe influenciam a produção em alguns sentidos. Com o auxílio

das teorias de Linda Hutcheon (1991) e Margarida Braga Neves (1999), introduzimos o debate sobre o romance na contemporaneidade. Também usamos os estudos de Zygmunt Bauman (1999), Stuart Hall (2004) e Walter Benjamin (1987) sobre certos elementos das construções identitárias nas sociedades contemporâneas, tão presentes no nosso objeto de pesquisa.

Em seguida, no capítulo dois, partimos para uma abordagem da obra *Vigiar e punir* (1987), escrita por Foucault, com a qual certos elementos das narrativas de Saramago podem dialogar. Tal obra é fonte primária dos estudos sobre violência e as transformações dos instrumentos punitivos em disciplinadores. Nessa obra, Foucault analisa elementos da violência, alguns dos quais presentes na narrativa *O homem duplicado* (2002), o que justifica o cotejo que realizamos a partir do segundo capítulo dessa dissertação de mestrado.

No capítulo três dessa dissertação, abordamos alguns conceitos e ponderações acerca da violência doméstica, da institucional e da simbólica, à guisa de fundamentação teórica, partindo de estudos de Bauman (1999), Minayo (2009), Michel Foucault (1987) e Bourdieu (1989). Tais fundamentos teóricos são retomados no capítulo quatro, nas análises da violência no romance.

Durante o processo de análise, no quarto capítulo, destacamos a presença constante de formas de violência e de cuidado na narrativa de Saramago, como também as transformações sofridas pelas personagens, em função do zelo ou da violência sofrida. Sobre as formas do cuidado e sua escassez nas sociedades contemporâneas, dialogamos com os estudos de Leonardo Boff (2017). Desta forma, introduzimos estudos sobre o cuidado e a violência na narrativa *O homem duplicado* (2002).

Para melhor cotejar as três formas de violência eleitas para a análise no romance e as formas de cuidado que a elas se contrapõem, o capítulo quatro foi subdividido em três subcapítulos. O 4.1 foi dedicado à violência doméstica e às formas do cuidado que a ela se contrapõem na narrativa, a partir da relação de Tertuliano com figuras femininas cuidadosas, em contraposição à relação violenta de António Claro com a esposa Helena e com seu rival Tertuliano. O 4.2 foi dedicado à análise da violência institucional, a partir do convívio de Tertuliano Máximo Afonso com professores e alunos na escola onde trabalha, prioritariamente. E, no último subcapítulo, “Os Clichês em *O homem duplicado*: Violência Simbólica e Desconstrução Libertadora” é analisada a violência simbólica, difundida através de

clichês e frases feitas, do senso comum e de muitos costumes na obra, problematizados pelo narrador. Além disso, abordamos a possibilidade de libertação do sujeito e desconstrução de algumas formas dessa violência simbólica, através da desconstrução dos clichês, frases feitas e costumes paradigmáticos.

Assim, esperamos contribuir para uma compreensão mais ampla das manifestações da violência nessa narrativa de José Saramago e também, em contraposição, das expressões do cuidado que nela são representadas.

1 APONTAMENTOS SOBRE A NARRATIVA DO SÉCULO XX E A PROPOSTA DE SARAMAGO

Para compreendermos a narrativa de Saramago, objeto dessa dissertação de mestrado, consideramos relevante abordar alguns aspectos do contexto histórico e da narrativa neorrealista, movimento que precede a obra literária saramaguiana e que lhe influencia a produção.

A literatura neorrealista portuguesa do século XX, movimento que precede a produção romanesca de Saramago, critica todo o pensamento ufanista, assumindo postura mais crítica e corrosiva em relação à realidade e à sociedade novecentista lusitana. Nessa perspectiva, a obra neorrealista do século XX empreende uma ruptura com o passado, sempre se conectando com elementos históricos relevantes para a cultura portuguesa, que são desconstruídos, ao passo que a narrativa literária constrói novas versões para os acontecimentos, distintas da historiográfica. Nessas novas versões, a história será recontada a partir de uma visão mais realista, menos romântica e, no caso de Saramago, muitas vezes revolucionária e emancipatória de classes proletárias ou de indivíduos oprimidos. É nesse contexto que a literatura de Saramago assume características próprias para o desenvolvimento desse olhar crítico para a sociedade portuguesa e as sociedades contemporâneas.

A literatura produzida por Saramago e por muitos outros escritores portugueses, em variadas épocas, dialoga com a História Lusitana, de diferentes modos, mas quase sempre buscando “penetrar os domínios da verdade histórica”, como nos diz Cerdeira (2000, p. 30). As narrativas, por vezes, são construídas como representação da sociedade, ao dialogar com os principais fatos históricos e apresentá-los ao leitor como um documento de legitimação ou crítica de uma memória elitizada. Em vários momentos da literatura portuguesa, vemos obras literárias se alternando nessas tarefas de legitimar, documentar ou criticar elementos da história oficial da nação ou da identidade cultural lusitana. É o que vemos na epopeia camoniana, por exemplo, na qual há passagens de exaltação de elementos nacionais, mas também passagens contendo severas críticas a determinados grupos lusitanos ou ao comportamento social português, de modo geral.

Em meados do século XX, em Portugal, surge uma corrente artística de

protesto, engajada politicamente e mais interessada na crítica, na contestação e na reformulação de padrões literários, sociais e políticos, preconizando mudanças. Trata-se do movimento neorrealista. A ruptura com paradigmas dominantes em movimentos anteriores, como a presencista (nacionalista ufanista) e a realista-naturalista, mais positivista, provocou mudanças substanciais, como temáticas mais ligadas à questões políticas e sociais contemporâneas, desconstrução do pensamento nostálgico e saudosista português, reestruturação da linguagem, experimentação de outros gêneros, entre outros. Tais transformações contribuíram para a abertura da literatura portuguesa ao mundo contemporâneo globalizado.

Um dos expoentes dessa literatura foi José Saramago que, juntamente com outros escritores, inclusive muitos advindos de grupos neorrealistas, inaugura uma nova fase da arte portuguesa, com produções literárias de forte crítica política (sobretudo críticas à ditadura salazarista) e abordagem das relações de poder na sociedade. Através dos seus romances, peças teatrais, crônicas e narrativas, Saramago critica problemas da sociedade (ainda agrária) portuguesa, em contexto europeu capitalista industrial, bem como problemáticas relativas ao homem contemporâneo.

A ditadura de Salazar adotou medidas restritivas em relação à economia, crescendo tributos, implantou novas leis, impondo a perda imediata da liberdade de expressão, do direito à greve, entre outras medidas autoritárias. Assim como aconteceu em outros países, o regime ditatorial teve impacto na literatura lusitana. Depois de um hiato de quase 45 anos de ditadura e censura, nos meados dos anos 70, mais precisamente após a Revolução de 1974, escritores reconstituem a memória de um passado recente e, de certa maneira, reencenam os traumas da repressão, do exílio, da emigração e da guerra colonial através de suas narrativas literárias. É neste cenário que se apresentam as obras de Álvaro Guerra, José Saramago, Mário Cláudio, António Lobo Antunes, entre outros, que ressignificaram a literatura ao subverterem e questionarem as condições da sociedade portuguesa durante o regime salazarista. Exemplo bem conhecido entre outros possíveis é o da obra *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), em que José Saramago recupera a ficção de Fernando Pessoa. O romance é um exercício constante de crítica social e política ao período histórico protagonizado por Hitler, Mussolini e Salazar. No romance saramaguiano, a miséria pelas ruas de Portugal contrasta com a imagem idealizada da nação portuguesa, divulgada nas propagandas políticas do regime

salazarista, por exemplo.

O homem duplicado (2002) critica a perda da identidade de sujeitos massificados em uma sociedade que já cultiva valores individualistas, valoriza as aparências e o consumo. Além disso, mostra como os novos mecanismos de poder atuam sobre a sociedade e sobre os sujeitos, nesse século XX, em que a violência ganha novas configurações, para atender a interesses de produção e consumo, atingindo de formas diversificadas cidadãos de países industrializados ou periféricos, como Portugal e Brasil. O romance aborda também como esses mecanismos de poder e violência se apresentam na sociedade contemporânea de um país periférico, tal qual Portugal, como podem atuar sobre os comportamentos das personagens e de que maneira podem interferir no andamento dos acontecimentos, na narrativa.

Para tanto, a fim de melhor entendermos o Neorrealismo, corrente que precede e influencia a obra de Saramago e todo o contexto literário do século XX, a partir de agora traçamos um percurso histórico da literatura portuguesa desde a época realista, na segunda metade do século XIX, com a qual o neorrealismo dialoga. Depois disso, observamos como, na primeira metade do século XX, o neorrealista rivaliza e critica correntes artísticas não engajadas, como a Presença, até que, por fim, abordamos as peculiaridades da narrativa saramaguiana da segunda metade do século XX ao início do XXI. Vamos agora a algumas considerações sintéticas sobre o Realismo-Naturalismo português.

Sobre a época realista-naturalista portuguesa, cabe destacar que, a partir de 1830, eclodiram conflitos sociais em toda a Europa, tendo a França como ponto de partida, que se espalharam pelo continente e provocaram mudanças profundas ao longo do tempo. Os ideais antimonárquico, liberais e nacionalistas estimularam manifestações em vários países. A instituição do voto universal fez com que a burguesia se sentisse ameaçada pelo proletariado, colocando-os em pontos separados, evidenciando a divergência em seus respectivos interesses (SARAIVA, 1984, p.148). Diante disso, o Realismo, no século XIX, se apresenta na literatura enquanto proposta estética voltada a retratar o mundo da forma mais direta e objetiva possível, conectando-se às correntes reformistas e socialistas, ao passo dos pensamentos de Hegel e Proudhon, segundo o autor Carlos Reis (2001, p.20). Já o Neorrealismo, no século XX, formou-se de intenções ambiciosas ao pretender se tornar um movimento cultural de conscientização e busca de transformação da realidade portuguesa – entendidas as restrições da arte no que diz respeito à

intervenção e à transformação sociopolítica – a partir da reflexão sobre “um momento histórico em que os grandes problemas dos homens deixaram de ser individuais para serem coletivos, em que o desemprego, a fome, as guerras são males coletivos” (REIS, 1983, p.29). É possível dizer que o grupo neorrealista traçou uma ligação entre arte e os fenômenos históricos, o que explica a afeição pelo coletivo em tempos de grandes desigualdades sociais e regionais, ideológicas e culturais.

Ao longo do século XIX, aumenta a dependência econômica de Portugal em relação à Inglaterra. Crescendo a imprensa, intensifica-se a circulação de livros e revistas, bem como o acesso da burguesia à vida cultural. O regime monárquico começava a ser questionado em várias partes da Europa, inclusive em Portugal, e os ideais republicanos propagam-se. Diante dessa realidade, surge uma arte engajada na segunda metade do século XIX, capaz de reeducar os leitores, uma literatura com atitude pedagógica. É o que aparece nas palavras de Carlos Reis:

O realista [...] não procurará mostrar a fotografia banal da vida, mas dar-nos dela a visão mais completa, mais surpreendente, mais evidente do que a própria realidade. Seria impossível contar tudo, porque então seria necessário pelo menos um volume por dia, para enumerar as multidões de incidentes insignificantes que preenchem a nossa existência. Impõem-se, pois, uma escolha – o que constitui um primeiro prejuízo à teoria de toda a verdade. A vida, além disso, é composta pelas coisas mais diferentes, mais imprevistas, mais contrárias, mais díspares; a vida é brutal, sem sequência, sem encadeamento, plena de catástrofes inexplicáveis, ilógicas e contraditórias [...] (REIS, 2003, p. 438).

Reis (2003) apresenta a notória predileção do escritor realista por temas pertencentes ao universo familiar, à vida cultural, à relação íntima ou à social. De certo modo, o Realismo português está relacionado a temas como o adultério, a degradação do sentimento amoroso, à hipocrisia e à falsidade nas relações humanas e sociais, o interesse econômico, entre outros. Estes temas interferem, inclusive, no desenvolvimento das estratégias literárias, que buscam tornar os gêneros narrativos aptos a dar conta destes universos, sobretudo o romance e o conto. Mais precisamente o romance é explorado pelos escritores realistas-naturalistas, pois ativa movimentos narrativos que se adequam às suas propostas doutrinárias. Todas as características gerais (o avarento, o falso intelectual, falsas beatas, clérigos sem vocação), figuras relacionadas ao universo que sintetiza o coletivo e o individual, o econômico e o cultural, são observadas pelo narrador

realista-naturalista.

Segundo Zola, no texto *O romance experimental*, o romance é o gênero mais capaz de expressar o Naturalismo, com suas pretensões científicas de focalizar aglomerações urbanas de miseráveis em demanda por satisfação de suas necessidades básicas ou grupos de classes médias em suas relações determinadas por interesses econômicos e políticos, entre outras questões:

O romance [...] invadiu e desapossou os outros gêneros. Tal como a ciência, ele é dono do mundo. Ele aborda todos os assuntos, escreve a História, trata da fisiologia e de psicologia, sobe até a poesia mais alta, estuda as questões mais diversas, a política, a economia social, a religião, os costumes. O seu domínio é a natureza inteira. (ZOLA *apud* REIS, 2003, p. 444).

O romance é o melhor caminho para atingir as propostas do pensamento naturalista, visando questionar o comportamento humano, mergulhando nas estruturas da sociedade e do comportamento humano, analisando-os de uma forma científica, inspirada na ciência da época. Neste processo de construção das narrativas naturalistas, destaque para Zola e, no caso português, para Eça de Queirós em *O crime do padre Amaro*. Já nas composições “*Cenas da vida portuguesa*”, *O primo Basílio*, e *Os Maias*, encontramos menos traços naturalistas e mais marcas realistas.

Diante do surgimento de Realismo-Naturalismo a partir da Questão Coimbrã¹, no entanto, Eça não participou deste princípio. Obteve destaque na Geração de 70 durante as conferências do Cassino Lisboense, nas quais suas narrativas receberam destaque. Tais reuniões com Antero de Quental, Jaime Batalha Reis, entre outros, tiveram grande importância na construção literária de Eça de Queirós, pois fundamentavam as linhas estéticas-políticas do Realismo/Naturalismo:

Afirmar a condição militante e interventora da criação artística; de fazer do romance o grande instrumento de análise de males sociais; de levar a cabo, de um ponto de vista reformista, uma sistemática reflexão crítica sobre a sociedade portuguesa” (REIS, 1990, p. 124).

¹ Também conhecida como a Questão do *Bom Senso e Bom Gosto*, foi uma das mais importantes polêmicas literárias portuguesas e a maior em todo o século XIX que, como explica Margarida Vieira Mendes, “alastrou de forma explosiva, de novembro de 1865 a julho do ano seguinte, em cartas, crônicas e artigos de imprensa, opúsculos, folhetins, poesias e textos satíricos, alusões em conferências (...) ou mesmo discursos parlamentares” (in *Dicionário do Romantismo Literário Português*, Editorial Caminho, 1997)

Depois de correntes simbolistas, decadentistas e modernistas de primeira geração, no final do século XIX e início do XX, surgiram duas tendências opostas em torno da literatura: uma interligada à revista *Presença*, próxima ao modernismo, mas ainda a passos idealistas; e a outra ligada ao Neorrealismo, de intenções materialistas e politicamente engajada contra o regime salazarista, criada em torno da coleção Novo Cancioneiro (1942), com os escritores Álvaro Feijó, João José Cochofel, Carlos de Oliveira e Manuel da Fonseca.

Em 1970, durante a ditadura publicaram-se grandes obras polêmicas em prosa e verso, porém foram censuradas devido ao conteúdo erótico e feminista.

Com tais mudanças a literatura encaminhou-se à proximidade da sociedade e ao afastamento da exaltação nacionalista. Já nos últimos anos do século XX e iniciando o século XXI, a literatura lusitana renovou-se por completo, graças a grandes escritores como António Lobo Antunes e José Saramago. A literatura nesse período priorizou a denúncia e a crítica política, por isso o pensamento nostálgico e o ufanismo deram lugar ao exercício de observação da sociedade, inspirado em elementos críticos do realismo-naturalismo oitocentista, mas sem o positivismo que marcou a análise das relações humanas em obras do século XIX.

Foi durante o processo de grandes mudanças sociais portuguesas que a literatura lusitana inaugurou um sentimento de transformações e rupturas com o passado. É neste ambiente que José Saramago, com orientação política marxista, considerado um dos mais expressivos e complexos escritores dos últimos tempos em Portugal, caracteriza-se por ter uma vasta atuação tanto cultural quanto profissional. Tendo já trabalhado em diversas profissões, como serralheiro e jornalista, ganha maturidade, vivência em diferentes classes sociais e propriedade intelectual para então se desenvolver uma escrita reconhecida mundialmente por suas características peculiares e distintas e por ser o único português a receber o Nobel de literatura. Por tudo isso, em suma, a produção literária de Saramago ultrapassa a fronteira da nação portuguesa e se transforma na literatura de todos. O escritor produz desde a crônica, poesia, conto e até o teatro, mas é com o romance que consegue notoriedade e reconhecimento mundialmente, com obras como *Memorial do Convento* (1982), *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), *Levantado do Chão* (1980), *Jangada de Pedra* (1986), *Ensaio sobre a cegueira* (1995), *Ensaio sobre a lucidez* (2004) e *O homem duplicado* (2002), que é o objeto dessa pesquisa e pertencente à segunda fase da sua escrita romanesca.

Podemos dividir sua obra romanesca em dois grupos: os de temática contemporânea denominada segunda fase, ou seja, atinge diferentes sociedades, com predileção de elementos sobre a contemporaneidade, o individualismo, a perda da identidade prioritariamente em cenários de grandes metrópoles. Enquanto antes disso, na primeira fase, aborda temáticas históricas, usando seus enredos ficcionais para desconstruir a imagem heroica de certas personalidades históricas do passado, tornadas personagens ficcionais, como reis e políticos. Sua obra tem como ponto inicial a publicação de *Terra do Pecado* (1947)e, após sua morte, houve o lançamento de outras obras, como a inacabada *Alabardas, Alabardas, Espingardas, Espingardas* (2014), com título inspirado nos versos de Gil Vicente.

Para a pesquisadora Teresa Cerdeira (1989), os romances de cunho historiográfico são os que misturam personalidades e lugares reais do passado aos fatos e personagens ficcionais, como *Levantado do chão* (1980), *Memorial do Convento* (1982) e *O Ano da morte de Ricardo Reis* (1984). Nota-se que nestes romances os humildes têm papel de destaque na narrativa, Saramago dá destaque a esses humildes e critica figuras exaltadas nos anais da História, como reis e políticos. Sobre os paradigmas estabelecidos pela sociedade, é como se narrasse fatos passados focando no presente, criticando o presente através do passado ou problematizando e contestando aspectos do Portugal dos séculos XX e XXI mesmo quando critica aspectos do Portugal de séculos anteriores. Por isso, logo em sua *Introdução*, a pesquisadora apresenta questionamento sobre a relevância dessa obra literária para os estudos históricos: “Será, então, possível acreditar-se que a ‘nova história’ portuguesa estaria surgindo do discurso literário de um autor consciente estudioso da História?”(CERDEIRA, 1989, p. 28). Em tese, o discurso de Saramago reitera uma missão histórica de emancipação de figuras humildes em relação às classes dominantes. No plano narrativo, este discurso revolucionário se efetiva pela representação de um sujeito que busca como objeto de valor o resgate da dignidade humana. Em *O homem duplicado* (2002), por exemplo, Tertuliano Máximo Afonso busca alcançar este valor perdido na sociedade líquida do séc. XXI:

Ter um lugar para cada coisa e ter cada coisa no seu lugar sempre foi uma regra de ouro nas famílias que prosperam, assim como tem sido abundantemente demonstrado que executar em boa ordem o que se deve foi sempre a mais sólida apólice de seguro contra as avantesmas do caos. (SARAMAGO, 2002, p.55)

Na situação citada, o protagonista, ainda preso aos paradigmas sociais de uma tradição iluminista (HALL, 2006, p. 11) ou deles saudosos, sente-se perdido na sociedade de consumo em massa, por ainda não ter encontrado o seu lugar naquela sociedade caótica ou por não conseguir consolidar uma identidade coesa para si nesse contexto social de fragmentação e massificação, que o deixa inseguro e num processo de busca.

Sobre a versatilidade do gênero romance, necessária para a abordagem dessa gama de problemáticas contemporâneas em variados universos ficcionais, a partir das análises teóricas de Bakhtin, o gênero romanesco é percebido com seus aspectos de pluralidade linguística, heterogeneidade, instáveis e mutáveis. Saramago utiliza-se destes artifícios para compor suas narrativas, dando uma revisão moderna e novas modificações temáticas.

Linda Hutcheon (1991, p. 105) apresenta importantes abordagens sobre o que seria o romance contemporâneo, evidenciando ideias polêmicas como o pós-modernismo, contexto que ainda estava a se definir, bem como as diferentes percepções de referencial no final do século XX. Hutcheon expõe que o romance contemporâneo é marcado pelo uso da metaficção historiográfica que, de fato, Saramago muito utiliza na sua 1ª fase, vinculando a arte e a história, refletindo sobre aspectos da realidade, questionando verdades e violando ou problematizando os limites entre história e ficção. Hutcheon afirma que, ao questionar a veracidade e os méritos de determinados eventos na história oficial narrada, o escritor da ficção pode omitir e desconsiderar, em sua narrativa literária, certas personalidades antes diretamente envolvidas no enredo oficial ou mencioná-las, mas transformando sua configuração e seu modo de participar dos eventos. Neste caso, demonstra o direcionamento possível que o autor pode ter ao recontar ou recriar a história:

Essa voz repete, entre aspas, a narrativa inicial (...), mas depois sai dessas marcações discursivas e, a partir daí, sai do tempo e da lógica narrativa. Nesse romance, o leitor é bastante conscientizado sobre o contexto enunciativo, mas, de maneira tipicamente pós-moderna, pedem-lhe que questione a habitual segurança de sentido. (HUTCHEON, p.105, 1991)

Saramago também se apresenta como esse romancista contestador da história e que instiga seu leitor a contestá-la em vários romances, inclusive em *O homem duplicado* (2002), em que um professor de História gostaria de revolucionar o estudo de sua disciplina, invertendo-o, trabalhando antes a História do presente.

Esse professor de História é um sujeito fragmentado em busca de respostas para suas dúvidas e de novos rumos para sua própria vida, através da contestação ao senso comum, como uma personagem da narrativa. Exemplo destes fatores temos em:

Rancor, Sim, rancor, você disse ainda não há muitos minutos que se tivesse uma arma me mataria, era a sua maneira de declarar que um de nós está a mais neste mundo, e eu estou inteiramente de acordo consigo, um de nós está a mais neste mundo e é pena que não se possa dizer isto com maiúsculas, a questão já estaria toda resolvida se a pistola que levei comigo quando nos encontramos estivesse carregada e eu tivesse a coragem de dispará-la, mas já se sabe, somos gente de bem, temos medo da prisão, e portanto, como não sou capaz de matar a si, mato-o doutra maneira (SARAMAGO, 2002, p. 280).

No fragmento, vemos dois sujeitos disputando uma posição social e pretendendo eliminar ao outro para se afirmar, assim ocorre também com as versões da História dos vencedores, que se consolidam suprimindo outras versões segundo pontos de vista de sujeitos derrotados/vencidos. As relações entre o ficcional e a história oficial instigam historiadores, críticos literários e filósofos há algum tempo. Nessa perspectiva, Hutcheon defende que a metaficção historiográfica explora a tensão entre estes polos opostos, porque os romances contemporâneos admitem múltiplas perspectivas sobre os eventos históricos e contestam verdades, dependendo do ponto de vista do contador da narrativa. Isso se dá pela apropriação do texto pelo seu locutor, a escolha de um ponto de vista ressalta na narrativa contemporânea as divergências da construção ideológica. Sendo assim, as narrativas compostas por Saramago, principalmente durante a sua primeira fase romanesca, são fundamentadas na oposição dos discursos de vencedores (galardoados com os anais da historiografia oficial) e vencidos, relegados ao esquecimento e às lacunas da História oficial.

Desta forma, “a ficção e a história são narrativas que se distinguem por suas estruturas [...], estruturas que a metaficção historiográfica começa por estabelecer e depois contraria, pressupondo os contratos genéricos da ficção e da história” (HUTCHEON, 1991, p. 146). Ou seja, as estruturas da história e da literatura são distintas, mas quando colocadas na metaficção admitem valores de originalidade, confiabilidade e clareza da História. Temos como exemplo um trecho do *Memorial do convento* (1982), em que a literatura subverte os elementos da História,

transformando o rei numa caricatura social.

D. João, quinto do nome na tabela real, irá esta noite ao quarto de sua mulher, dona Maria Ana Josefa, que chegou há mais de dois anos da Áustria para dar infantes à coroa portuguesa e até hoje não emprenhou. Já se murmura na corte, dentro e fora do palácio, que a rainha, provavelmente, tem a madre seca, insinuação muito resguardada de orelhas e bocas deladoras e que só entre íntimos se confia. Quer caiba a culpa ao rei, nem pensar, primeiro porque a esterilidade não é mal dos homens, das mulheres sim, por isso são repudiadas tantas vezes, e segundo, material prova, se necessária ela fosse, porque abundam no reino bastardos da real semente e ainda agora a procissão vai na praça. (SARAMAGO, 1982, p.11)

Ao problematizar a história, não significa que a metaficção historiográfica pretende desautorizar ou distorcer a história, antes quer contestar princípios da ideologia dominante, a fim de descobrir que pressupostos permitem que o sujeito/“eu” emissor se enxergue em sua consciência integrada e unificada aos movimentos históricos. (HUTCHEON, 1991, p.14-15). Esse diálogo com a História, como faz por vezes Saramago, não propõe negar o senso histórico ou referencial de uma determinada nação, todavia busca restaurar o senso de significado da história e da referência, através da revisão da história. O pós-modernismo, segundo Hutcheon, nasce na descoberta deste mundo sem um vínculo fixo, sem uma verdade inquestionável, relação que será estabelecida entre a literatura contemporânea e a História: “a relação de poder com o conhecimento e com os contextos discursivos históricos, sociais e ideológicos é uma obsessão do pós-moderno.” (HUTCHEON, 1991, p. 118).

A metaficção historiográfica reinsere os contextos históricos como eventos significantes, assim como na literatura os fatos trabalhados são produções do humano cujo sentido dependem dos sistemas que interpretam os acontecimentos. É necessário investigar sob quais pilares ideológicos os discursos, histórico e literário, se firmam (FOUCAULT, 2007). Tal descontinuidade admitida na produção historiográfica advém da necessidade de representar o pensamento e criar um sentido histórico, porém a História não pode ser discutida sem pensar nos processos de reconstrução ideológica e verbal, da mesma forma a literatura ficcional propõe discutir a historiografia sob a perspectiva parcial, utilizando a “ficção como corretor da história”. (DUARTE, 1988, p.94)

Então, à literatura é atribuída a função de “recuperar o passado calado pelo auxílio da pesquisa e da imaginação, em prol de um presente que ainda está por

cumprir-se” (SILVA, 1989, p.24). Tendo em vista esta relação entre História e Literatura nas obras de metaficção historiográfica e diferentes versões a partir de um fato, Saramago realiza este processo em várias de suas narrativas, como faz em *Levantado do chão* (1980), na qual focaliza a história nacional a partir da ótica da camada popular, esquecida durante anos na História lusitana. O percurso da construção nacional até então é contado pela ótica dos poderes dominantes na História oficial, mas Saramago conta a história portuguesa pela ótica daqueles que suportaram todas as mazelas, mas não foram inscritos na galeria dos heróis. Utilizando-se da ironia e das metáforas, as narrativas elegem os pontos de vista dos que, por vezes, foram calados pelas vozes da Igreja e do Estado. Este vazio foi preenchido na obra de Saramago pelas vozes antes caladas, de forma que Saramago e muitos autores dos séculos XX e XXI permitem que outras vozes silenciadas pela história também sejam proferidas. Assim, o pilar da construção literária de Saramago não visa à reconstrução do passado pelo passado, mas à reflexão que constrói/ desconstrói o sentido da História através da metaficção historiográfica.

Já os romances de temática contemporânea, os da segunda fase romanesca, mais ontológica e que alcançam sociedades diferenciadas, como *Ensaio sobre a cegueira* (1995) e *A caverna* (2001), tratam da problemática do sujeito, partindo de um plano de superfície para as estruturas profundas da *psique* humana, problematizadas pelo inquieto narrador saramaguiano. Enquanto na primeira fase romanesca o foco central é a construção/desconstrução da História oficial, na segunda fase romanesca o foco central se volta para o sujeito e seus dilemas. Mas, evidentemente, dilemas humanos também são tratados na primeira fase, ao passo que, na segunda fase romanesca, também não se deixa de dialogar com a(s) História(s) de Portugal e da civilização ocidental. Esses últimos romances de Saramago apresentam um painel da sociedade contemporânea e seus personagens procuram uma nova perspectiva diante do lugar em que estão, como se fossem estrangeiros em seu próprio país. Ele reconta a história de uma pátria outrora gloriosa, ao derrubar os mitos e nos mostrar as fragilidades de uma sociedade na virada do século XX para o XXI.

A obra *A caverna* (2001), por exemplo, retoma por meio alegórico o mito da caverna do filósofo Platão, ao atualizar o contexto e reafirmar o cunho pedagógico da busca pelo conhecimento. Nesta obra, a família de Cipriano Algor vivencia

conflitos entre o mundo sedentário ou o controlado pela saída da caverna e de busca das verdadeiras relações sociais, o que aprisiona o homem na narrativa, para elucidar os fios invisíveis do poder no controle social, como mostra também a obra de Foucault, críticas da história da humanidade e do modo como os mecanismos de poder são usados.

Os romances contemporâneos abordam as temáticas deste período através de uma construção narrativa com aspectos do fantástico para tratar de problemáticas sociais. Como ocorre em o *Ensaio sobre a cegueira* (1995), na qual uma cegueira branca acomete a sociedade, em outras palavras, um evento insólito (aparição do duplo) está no cerne da problemática abordada e da complicação desencadeada na obra *O Homem Duplicado*. Diferentemente das características da cegueira tradicional, uma escuridão, a do romance inaugural da segunda fase romanesca de Saramago, é uma cegueira luminosa, como que causada por um excesso de luz. Com isso, Saramago propõe novidades para a literatura portuguesa e críticas relevantes que serviriam para qualquer sociedade contemporânea. Suas narrativas apresentam uma constante preocupação com os conflitos externos e internos de seres debilitados. Além de questionamentos sobre a linguagem, e as arbitrariedades da língua através de ironia, do ludismo de outros recursos linguísticos que se revelam instrumentos cruciais para crítica em sua obra. A postura da escrita de Saramago ante ao mundo e à linguagem revela outro lado dos fatos, outra versão para os acontecimentos, provocando reflexões diversas ao questionar valores pré-concebidos e verdades “incontestáveis”, como assinala Neves (1999), ao analisar as narrativas saramaguianas.

Saramago [...] [coloca] precisamente a tônica na dimensão narrativa do acontecer cotidiano de acordo com a qual tudo o que não é vida é literatura ou susceptível de em tal tornar[...] Mas se a literatura ficção, ou seja, mistificação e fingimento, isso significa que nenhuma verdade o é inteiramente, tal como nenhuma falsidade é totalmente falsa (NEVES, 1999, p.122)

Assim, o estudioso ressalta a presença da análise dos valores sociais e a desconstrução estabelecida na obra de José Saramago, revelando a fragilidade e a dificuldade de o ser humano “enxergar” suas próprias mazelas, presentes na estrutura precária do “eu”. Nesse sentido, suas obras são diferentes experimentações da escrita reflexiva e ponderativa, compondo um projeto literário de

caráter híbrido sobre a História, a humanidade, a sociedade e a linguagem. Por isso Cerdeira (2000), ao analisar o *Ensaio sobre a cegueira*, defende que, na verdade, a obra é “um ensaio sobre a visão, porque é um ensaio/tentativa de deixar descobrir o outro, as relações humanas, a linguagem e seus **clichês**” (2000, p.208).

Nesta perspectiva de experimentação estilística e temática, está a obra *O homem duplicado* (2002), repleta de problemáticas provenientes da sociedade contemporânea, em que se insere. É nesse cenário que o romance aborda alguns assuntos comuns a diferentes sociedades, como a perda da identidade pelo sujeito em sociedades marcadas pela massificação e pela globalização. Esse homem contemporâneo é representado por Tertuliano Máximo Afonso, professor de história secundário, que não nutre expectativas, vive uma rotina monótona na vida pessoal e na carreira profissional, não se interessando por nada, nem Cinema ou TV, que assiste por pura solidão e abulia, abstendo-se do convívio com amigos. Mantenedor de uma relação afetiva desinteressante para ele com Maria da Paz, uma jovem dedicada, de personalidade forte e decisiva para as ações futuras de Tertuliano. Assim, a personagem central parece, nos primeiros parágrafos da obra, tender a uma existência sem muita ação e expectativas. Porém, tudo se transforma quando Tertuliano assiste, por recomendação de um colega de trabalho, um professor de Matemática, preocupado com a imagem depressiva do amigo, o filme *Quem porfia mata caça*, para que se distraísse e saísse da depressão e da monotonia que se tornara a sua vida. A partir deste filme, cuja história não lhe interessou, surgirá o duplo, o qual provoca alterações expressivas na narrativa e no comportamento do protagonista. Isso porque, na película *Quem porfia mata caça*, Tertuliano Máximo Afonso descobre que um dos figurantes seria uma cópia perfeita sua, ou seja, um duplo, mas que estranhamente não é um sócio nem irmão gêmeo. Tal acontecimento funciona como *start* de questionamentos e ações que transformarão toda a narrativa, e que tirarão essa personagem da inércia, encaminhando Tertuliano a buscar respostas às inquietações sobre ser um homem duplicado. Ao iniciar a trajetória de busca pelo seu duplo, a personagem busca também a compreensão sobre si mesmo, a afirmação de sua individualidade, a destruição daquilo que considera inadequado em sua vida e a construção de uma nova identidade para si. Segundo Hall (2004) ao citar Lacan, isso ocorre pois a identidade é uma forma instável, em constante alteração e adequação.

Na narrativa os personagens constantemente se identificam e se repelem,

como no trecho em que fisicamente são iguais, porém em suas características emocionais, mostram-se opostos: “As mãos eram tudo iguais, cada veia, cada ruga, cada pêlo, as unhas uma por uma, tudo se repetia como se tivesse saído de um molde.” (SARAMAGO, 2002, p.215). Em seguida, há o momento da repulsa:

Você seria sempre a minha cópia, o meu duplicado, uma imagem permanente de mim mesmo num espelho em que eu não me estaria olhando, algo provavelmente **insuportável**. (SARAMAGO, 2002, p.215).

Esse jogo de aproximação e repulsa ocorre até a culminância da narrativa, em que ambos procuram vantagens nesta duplicação, todavia Tertuliano sai desta “batalha de duplos” vitorioso de certo modo, iniciando uma nova fase em sua vida ou afirmando sua nova identidade, a partir das novas circunstâncias que passa a vivenciar. Com isso, representa a identidade móvel em constante transformação ou redefinição histórica de que nos fala Hall:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. E definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. (HALL, 2006, p. 25)

Assim, Tertuliano e seu duplo, representantes do sujeito contemporâneo, assumem diferentes identidades de acordo com as situações vividas. As atitudes disfuncionais de António Claro tornam Tertuliano mais forte futuramente, tanto que ao encontrar com outro duplo, após a morte do antagonista, o protagonista demonstra-se seguro em suas ações, ao levar a pistola para provavelmente tentar eliminar o novo duplicado e se afirmar rumo a outra etapa de sua trajetória.

Percebemos, assim, que as “identidades contraditórias”, conceito de Stuart Hall, são necessárias para a descoberta daquela que seria a identidade cômoda e confortadora para cada momento de uma existência. Tertuliano precisa deslocar-se na busca por identificações para poder provisoriamente encontrar aquela identidade adequada à sua vida naquele momento/circunstância. Além disso, Saramago representa a possibilidade de a personagem se reencontrar e provocar mudanças em si e na sociedade que o cerca, já que esse professor de História, antes submisso e amigável, para mudar de vida e afirmar-se socialmente, precisa vencer os

controles que a sociedade, a família e até ele mesmo lhe impõem. Mas, para isso, precisam também, para o bem e para o mal, trocar experiências, estabelecer relações e não se isolar ou fugir, ainda que esse contato destrua uma porção de cada um (de Tertuliano e de António Claro), enquanto outra porção se constrói em cada um: “antes havia experiências não compartilhadas, com o encontro, os personagens vistos como configuração do humano (...), mas de maneira mais tensa” (SARLO, 2004, p.126).

Desse modo, a narrativa de Saramago nos mostra um homem que faz o caminho inverso ao da caverna, um sujeito que inicia a obra trancado em seu apartamento e em sua abulia, mas que sai da caverna/apartamento ao se deparar com o duplo e a possibilidade de conhecer-se, buscando conhecer o outro. Ao se deparar com a claridade dos novos conhecimentos e das novas relações interpessoais, incômodas (contrárias à escuridão do isolamento e da solidão no seu apartamento/caverna), que tornam as coisas não mais tão nítidas, é necessário um esforço para rever-se no ato de transmitir conhecimento como professor, experimentando outras formas que, por vezes, são cerceadas pela instituição ou pelo controle exercido pela família (mãe), pela escola e por outras instituições, com seus desígnios e orientações. O presente deles (tanto Tertuliano como também António) é reivindicar/conquistar/reinventar o seu lugar no mundo incerto e duvidoso, diante de tantos obstáculos. Sobre isso, Bauman (1999) mostra como “a instabilidade de identidade da própria pessoa e a ausência de pontos de referência duradouros, fidedignos e sólidos que contribuiriam para tornar a identidade mais estável e segura” podem provocar nas personagens ações inquietantes e empurrá-las a novas demandas e a conquistas.

2 VIGIAR, PUNIR E CONTROLAR: A SOCIEDADE PELO OLHAR DE FOUCAULT

Antes do estudo sobre o controle e o disciplinamento dos corpos na narrativa de Saramago, resumimos a obra *Vigiar e Punir* (1987), que analisa os elementos punitivos e de controle usados por autoridades, ao longo da História do ocidente, mais precisamente de meados do séc. XVII ao final do século XX. Foucault revela o grau de violência empregado em diferentes momentos da História por autoridades políticas e religiosas sobretudo, para impor seu poder às parcelas mais humildes da sociedade, com a intenção de manter privilégios de determinados grupos e um certo ordenamento social, muitas vezes.

O controle sobre o corpo dos condenados e as punições exercidas ainda no absolutismo, por exemplo, tendem a abrandar nos Estados democráticos sobre o homem moderno e na sociedade contemporânea. A partir do século XX, as punições tornam-se mais simbólicas, ou seja, há uma tendência à eliminação dos suplícios e uma drástica diminuição da violência física nas penas modernas e contemporâneas, gradativamente substituídas por formas de violências mais simbólicas.

A punição vai se tornando, pois, a parte mais velada do processo penal, provocando várias consequências: deixa o campo de percepção quase diária e entra no da consciência abstrata; sua eficácia é atribuída à sua fatalidade não à sua intensidade visível; a certeza de ser punido é que deve desviar o homem do crime e não mais o abominável teatro; a mecânica exemplar da punição muda as engrenagens.(FOUCAULT, 1987, p.13)

No entanto, as punições e as regras ainda são instituídas pelos grupos que detém poder, a fim de manter vigiada e disciplinada a massa, com instrumentos punitivos autorizados pela lei. Claro que atualmente as punições evitam a tortura e o suplício, tanto pelo espetáculo degradante que podem causar a ira do povo contra as autoridades, quanto pelo dano físico que podem causar ao corpo, importante parte do processo de produção capitalista industrial.

Antes disso, ao fim do século XVIII, o suplício era uma das maneiras usadas pelo poderoso para submeter e oprimir o povo: “o suplício é uma técnica e não deve ser equiparado aos extremos de uma raiva sem lei.” (FOUCAULT, 1987, p.36). Primeiramente, o suplício era a arte de causar dor, na medida da gravidade do delito e devia ser marcante, deixando um lembrete no corpo para que o supliciado e os

espectadores jamais se esquecessem o que esperava aqueles que fossem condenados.

Documentos, entretanto, comprovam que a partir do fim do século XVIII e começo do século XIX, o suplício se tornou intolerável por ser considerado um espetáculo desumano. Por isso, era necessário encontrar outra maneira de punir, exigindo uma reforma do direito e dos sistemas penais. O poder de punir transformava-se numa nova arte de punir, criada em conjunto com uma espécie de pacto social, de modo que as punições são apresentadas como consequências surgidas se este pacto fosse quebrado. Os princípios do progresso defendidos pelas revoluções burguesas (liberdade, igualdade e fraternidade) a partir do século XVIII não deveriam abrir espaço para punições desumanas, cruéis. Assim, se antes, na época do suplício, o corpo do condenado era propriedade e alvo do poder do Rei absolutista, já durante o iluminismo vai passando a ser tido como um bem social. Há um interesse coletivo na pena deste condenado. Ao longo dos seus estudos, Foucault define sete possíveis maneiras de punir:

Difamar: Usar a opinião pública e um modelo ideal para o julgamento coletivo, afetando o campo social e psicológico do condenado. Não exige estruturas de um tribunal e nem códigos. Uma sociedade é capaz de constranger um indivíduo que burlou uma lei.

Retaliar: É o “aqui se faz, aqui se paga”. A pena é aplicada na medida exata do dano causado. As dores físicas são punidas com castigos da mesma origem; as monetárias com multas, representando um simples contra-ataque da sociedade.

Escravizar: Força o indivíduo ao contrato social. Ele será obrigado a trabalhar, recompensar e corresponder à sociedade.

Excluir: Exilar, colocar para fora. Impedir o indivíduo de frequentar lugares comunitários. Apagar sua história, sua memória e sua existência.

Compensar: Fazer o indivíduo ressarcir o dano causado, uma dívida a ser paga com o meio social.

Marcas: Deixar marcado o corpo, através de uma cicatriz, apontando o ato que um sujeito cometeu no passado, evidenciando que tal ato foi/é/será vingado pelo poder.

Encarcerar: Última alternativa, que é simplesmente tirar o indivíduo do meio social sem expulsá-lo, mas ao contrário, interiorizando-o cada vez mais nas instituições punitivas.

Tais táticas de punição se modificaram com o tempo, como já dissemos, tornando-se cada vez mais simbólicas até o século XXI. A predominância do cárcere mostraria a superioridade de uma ordem penal, após a queda do absolutismo, mas este instrumento poderia ser físico ou até instituído através de regras e modelos estabelecidos pelo consenso social. A cela é o espaço de exceção, de penitência e de transformação do condenado. Nessa perspectiva, Foucault mostra como muitas outras instituições podem atuar no controle e punição dos sujeitos, entre elas hospitais, clínicas, escolas, família, etc. Só quando essas instituições falham ou não logram êxito na submissão de um sujeito ao código moral e legal de uma sociedade, não evitam que o sujeito incorra no ilícito é que as instituições punitivas governamentais vão atuar sobre o corpo do condenado.

Em *O homem duplicado* (2002), a família e a escola onde trabalha Tertuliano representam esses poderes disciplinadores, que logram êxito em reprimi-lo por vezes e em discipliná-lo por um longo tempo. Além disso, o lar do cidadão contemporâneo solitário isolado, numa sociedade desmobilizada, feita de sujeitos individualistas, pode lembrar uma cela. A transgressão à disciplina imposta pela família, pelo trabalho e pela escola, ou seja, a fuga do cárcere no lar e da rotina na escola para Tertuliano, por exemplo, é meio de transformação de comportamento, de libertação do controle disciplinar que sofria cotidianamente. O trecho abaixo denota essa cela simbólica: “Tertuliano Máximo Afonso anda muito necessitado de estímulos que o distraiam, vive só e aborrece-se, ou para falar com a exatidão clínica que a atualidade requer, rendeu-se à temporal fraqueza de ânimo ordinariamente conhecida como depressão” (SARAMAGO, 2002, p.9).

Vemos ao início da narrativa um indivíduo abúlico, isolado, solitário, que vive para o trabalho e a casa, privado de um convívio social saudável, disciplinado pela família (representada pela mãe Carolina/Cassandra), que lhe dá sempre conselhos e, ainda mais, pela escola, que lhe impõe currículos, métodos mais tradicionais de trabalho e materiais didáticos. Em outras palavras, é submetido pelas instituições e seus mecanismos de controle: educação disciplinadora para o trabalho, a produtividade, a docilidade e a submissão a regras instituídas. Só quando se emancipa dessas instituições, quase ao fim da narrativa, quando resolve não voltar à escola, ao seu lar e à sua rotina anterior, vislumbra novas possibilidades sociais e novo arranjo familiar com mais liberdade e satisfação pessoal, mas evidentemente depara-se com outras instituições e mecanismos de disciplina do sujeito, aos quais

precisa se adaptar ou contra os quais precisa de novo se insurgir.

Por outro lado, em outros momentos da narrativa, o lar aparece também como um refúgio a Tertuliano, por vezes, como um espaço seguro, restrito e protetor do professor, que proporciona uma fuga das problemáticas do trabalho, da escola e do mundo exterior.

Na obra, o poder disciplinar, de que nos fala Foucault (1987, p.179), alcança os sujeitos das várias camadas e disciplina seus corpos para o convívio social, familiar e laborativo mais dócil e produtivo possível. O poder não provoca mais cicatrizes na superfície dos corpos punidos, mas marca o íntimo dos sujeitos, regra seus comportamentos, consegue estabelecer o controle dos seus hábitos, das instituições sociais e dos lugares onde circulam. Para esse novo modelo de sociedade contemporânea, prender não é necessariamente punir, mas forma de assegurar que o controle será cada vez mais eficaz. A inserção da prisão nessas sociedades é heterogênea, segundo Foucault (1987): “a penalidade se funde com a disciplina, nascendo assim a prisão, uma maneira generalizada de vigiar e punir.” Por isso, no século XX, as sociedades são cada vez mais disciplinadas, as prisões são como fábricas para “reformatar a alma”; as celas são depositórios de condenados, assim como foram os hospícios no século passado. Os instrumentos de punição são letais como já explorados durante o absolutismo, porém legitimados pelas leis e pelos que controlam o poder. Nesse sentido, no romance de Saramago, como vimos, até a moradia de Tertuliano assemelha-se a uma cela (solitária, isolada) e seu trabalho por vezes é encarado por ele como uma espécie de tortura ou prisão, com seus currículos rígidos, protocolos e rotinas disciplinares.

São elementos que lembram a sociedade disciplinar que surge ao longo dos séculos XVIII e XIX quando, num processo de mudanças como fora dito, o soberano que antes decidia sobre a vida e morte dos súditos nos antigos regimes absolutistas, agora é substituído por instituições de sequestro, como quartéis, conventos, prisões, hospitais, hospícios e até internatos e escolas, dentre outras. Nessas instituições, o indivíduo é controlado, mas sobretudo é ensinado a controlar a si próprio. Segundo Pogrebinschi (2004, p. 9), o poder absoluto, antes encarnado na figura do soberano, centralizador e totalitário no centro das relações de poder, fragmenta-se e torna-se multifacetado nas sociedades contemporâneas. No poder disciplinador, não há um centro único e nem uma figura única de representação do poder, este encontra-se nas periferias, distribuído e multiplicado em toda parte ao mesmo tempo,

materializado que está não apenas nas inúmeras instituições disciplinares, como também nos corpos dos indivíduos a elas sujeitados e nos costumes, nas normas morais e legais cobradas dos cidadãos. É o que se vê à volta de Tertuliano, já que sua mãe, Maria da Paz, os professores, o diretor, as normas de disciplina escolar e até o senso comum (em sua consciência), entre tantos outros elementos cobram dele os comportamentos que lhe incomodam e atuam, muitas vezes, no sentido de impedir que ele aja fora do padrão. Mesmo discordando constantemente do senso comum, abúlico e infeliz com os poucos relacionamentos que estabelece a maior parte do romance, ele segue sua rotina, mesmo a contragosto, até encontrar o seu duplo e, aos poucos, mudar.

O poder disciplinar e soberano, nos regimes absolutistas, em que o poder tem um rosto, é exercido por meio de uma extensa e ameaçadora visibilidade da pessoa do soberano a quem todos devem reconhecer como autoridade centralizadora do poder. O oposto ocorre no poder disciplinador atual, em que a visibilidade é implícita, para que o controle seja constante e eficaz, até porque o próprio poder se descentraliza e se fragmenta em várias figuras ou vários grupos de poder, juntamente com a divisão do poder em executivo, legislativo, judiciário, que marca o fim dos regimes absolutistas. Grupos no poder econômico, político, judicial, policial, religioso e em tantas outras instituições de controle social dividem o poder e o prestígio social, disputando palmo a palmo por vezes também fatias de benesses (em variadas dimensões) que esse poder pode proporcionar.

Para que o controle seja permanente, as tecnologias disciplinares (cada vez mais sofisticadas) exercem um papel de condicionar e controlar a vida na sociedade moderna, ao educar (ou por vezes adestrar) os indivíduos para o convívio social em um meio repleto de contradições. Tais contradições nunca são superadas, pois os sujeitos são ensinados desde sempre a obedecer a normas e instituições (mesmo que algumas sejam contraditórias entre si), por isso o poder disciplinador toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício, segundo Foucault (1987, p. 153). Isso porque, quando as cidades tomaram grandes proporções demográficas, foi notória a necessidade de criar hierarquias e normas, espelhados nas instituições para que servissem como instrumentos disciplinares entre as massas:

Em suma fazer crescer ao mesmo tempo a docilidade e a utilidade de todos

os elementos do sistema. Esse triplo objetivo das disciplinas responde a uma conjuntura histórica bem conhecida. É por um lado a grande explosão demográfica do século XVIII: aumento da população flutuante (fixar é um dos primeiros objetivos da disciplina; é um processo de antinomadismo); mudança da escala quantitativa dos grupos que importa controlar ou manipular. (FOUCAULT, 1987, p.191)

Todo este processo foi estabelecendo e aprimorando instrumentos de controle, que combatiam os princípios contrários à sociedade disciplinar, ou seja, estabelecer ordem a qualquer novo “caos” é uma forma de assegurar controle. Portanto, Foucault afirma que “atrás dos dispositivos disciplinares se lê o terror dos castigos, da peste, das revoltas, dos crimes, da vagabundagem, das deserções das pessoas que aparecem e desaparecem, vivem e morrem na desordem” (1987, p.175). Enfim, a sociedade disciplinar desenvolveu e desenvolve mecanismos e tecnologias cada vez mais complexos para evitar fenômenos que perturbem a ordem e a rotina.

Na obra de Saramago, a alegoria do prisioneiro do mundo moderno faz com que toda a narrativa rompa com uma vida socialmente definida. Tertuliano, personagem que antes estava disciplinada para o trabalho, massificada, entediada, imersa em uma rotina regrada, se rebela. No extremo oposto de Tertuliano, está António Claro, que busca satisfazer seus caprichos à custa do sofrimento alheio ou da destruição do outro, desprezando princípios morais e éticos. A partir desse contato com a desobediência aos padrões disciplinares, Tertuliano empreende trajetória transgressora, ainda que mais construtiva e menos egoísta que a de seu duplo. A mudança é algo sofrido e difícil, porém traz consigo a quebra da abulia e a busca de satisfação pessoal para Tertuliano e para qualquer sujeito, como afirma Maffesoli:

O próprio da mudança é ser dolorosa e essencialmente traumática socialmente, ela se exprime através de tensões graves e destruições de toda ordem que a acompanha. É no vazio dessas destruições que se aninha a elaboração daquilo que está por nascer. A vida, portanto, é apreendida essencialmente como ruptura, movimento, mudança. (MAFFESOLI, 2001, p.16)

Nessa quebra da rotina, da disciplina e da abulia, Tertuliano luta para consolidar uma identidade diferente da anterior, que lhe satisfaça. Assim, *Ohomem duplicado* (2002) problematiza a questão da identidade do homem, na contemporaneidade, massificado, envolvido por uma rotina regrada ou pelas

cotidianas 'prisões' invisíveis que são colocadas ao sujeito através das instituições. Além disso, a obra demonstra como esse projeto de modernidade vem ruindo.

Outra problemática contemporânea abordada na obra de Saramago, transparente no trecho que se segue, é a do culto da aparência, explorada em várias dimensões em *O homem duplicado* (2002). Não apenas a aparência física é cultuada na sociedade de consumo em massa, mas inclusive a aparência de ordem que se observa na rotina, encobre os problemas dos sujeitos, como a depressão do professor de História Tertuliano, obrigado a abdicar de seu projeto pedagógico, por causa das determinações do diretor, dos colegas, dos currículos, da secretaria de educação...

Mas as aparências, nem sempre tão enganadoras quanto se diz, não é raro que se neguem a si mesmos e deixam surdir manifestações que abrem caminho à possibilidade de sérias diferenças futuras num padrão de comportamento que, no geral, parecia apresentar-se como definidos. (SARAMAGO, 2002, p. 19)

José Saramago realiza uma análise da sociedade moderna, em *Ohomem duplicado* (2002) e em outras obras suas, segundo a qual as personagens vivem de aparências, ostentando máscaras que ocultam suas frustrações e desejos reprimidos, todos os dias, seguindo os desígnios do senso comum (ou bom senso: moral, lei, ética...), ditames das instituições e correspondendo às expectativas sociais. Tertuliano consegue se livrar dessas amarras sociais quando desafia o senso comum e deixa de praticar os atos que a sociedade espera dele, desafiado por António Claro, que já agia fora dos padrões, numa busca mais irrefreada por satisfação de seus desejos. Mas, para chegar a este caminho é necessária uma saída da zona de conforto e do autocontrole. Com isso, a narrativa mostra também um mundo construído em bases sólidas, sob a sombra do controle, do poder disciplinar, mas pautado nas aparências, aparência de ordem, de satisfação, de normalidade, de felicidade, de concordância... O despertar de Tertuliano convida o leitor a também pensar e questionar essas convenções, ditames sociais e valores, que o protagonista precisou desafiar para sair da depressão, buscar uma existência mais condizente com seus anseios e reformular sua própria identidade.

Para isso, Tertuliano precisou desafiar o senso comum, as convenções e ditames sociais, em suma desafiar a "máquina de ver" de que nos fala Foucault (1987, p.183): "a máquina de ver é uma espécie de câmara escura em que se

espionam os indivíduos; ela torna-se um edifício transparente onde o exercício do poder é controlável pela sociedade inteira.” O conceito foucaultiano demonstra que o poder disciplinar é quase imperceptível a partir das estruturas mascaradas, mas pode ser identificado nas práticas sociais, pois ao mesmo tempo quem vigia é vigiado.

A narrativa, Saramago apresenta indícios de que as pessoas trazem consigo capacidade de questionamentos e capacidade de vencer desafios na vida, capacidade de se emancipar do controle, de pensar e de tomar consciência de sua situação. A postura inicial de Tertuliano representa a falta de atitude, que não anula uma capacidade ou possibilidade latente de questionar os dados que lhe são impostos, como notamos no trecho a seguir:

[...] É certo, murmurou, e com isto quis dizer, como se viu logo a seguir, que ainda tinha tempo para se punir a si mesmo pela leviandade de ter trocado a obrigação pela devoção, o autêntico pelo falso, o duradouro pelo precário. (SARAMAGO, 2002, p.20)

Percebe-se uma tomada de consciência de Tertuliano sobre suas atitudes diante das ocupações do dia a dia. Entretanto, essa tomada de consciência está marcada pela moral e pelas normas sociais impostas. Com isso, pode-se afirmar que ele, como cada sujeito, representa um escravo do tempo, das disciplinas impostas pela sociedade, mas com o potencial para, em algum momento, possivelmente tomar consciência disso. Tertuliano foi/é educado para não sair dos moldes socialmente impostos, do habitual e é cobrado pela mãe, professores, diretor, outros entes sociais e, sobretudo, por si mesmo a agir dentro desses modelos. Entretanto, se por algum motivo deixar de agir segundo esses padrões, ele mesmo sente que deve ser punido por não manter o controle sobre si próprio. Mas, nem por isso deixa de pensar nessa possibilidade, por vezes.

Neste processo de transformação descobrimos o papel do senso-comum, que surge por vezes como se fosse quase uma personagem, dialogando em vários momentos com Tertuliano (e com o narrador) e lançando as mais institucionalizadas falas: chavões, frases feitas, ditados populares, clichês. Porém, diversas vezes, Tertuliano (e/ou o narrador) consegue discordar e as desconstrói. Este recurso pretende desestabilizar a solidez dos discursos sociais constituídos de preconceito e padrões de comportamento institucionalizados. Assim, essa narrativa demonstra que

algumas posturas de Tertuliano (e questionamentos do narrador) são também identificáveis com o processo de disciplina do corpo social de que nos fala Foucault (1987, p.183). Não queremos ressaltar que Tertuliano foi punido por suas ações, mas sim, evidenciar que os mecanismos/instrumentos punitivos e os padrões de comportamento se encontravam instituídos na sociedade em que a personagem se insere, muitas vezes pressionando personagens a não transgredirem ou impactando transgressores em diferentes medidas.

Tanto mecanismos internos quanto externos pressionam e impactam essas personagens, quando não atuam de acordo com o ordenamento imposto por determinada instituição (externo), como a escola, o trabalho, a família, tornando-o cada vez mais isolado, enclausurado, rejeitado na escola/trabalho e, por vezes, ridicularizado por colegas por não reproduzir as regras que os outros reproduzem. Tratam-se de sanções sociais, vindas do meio: dos colegas, da mãe, da namorada, que por vezes também cobram de Tertuliano comportamentos condizentes com os padrões socialmente impostos, até por zelo/cuidado, preocupação com o bem-estar do professor de História, em busca de que ele se socialize de modo mais saudável e que seja feliz. Por outro lado, o próprio sujeito se polícia em outros aspectos e se culpa por não conseguir corresponder aos padrões esperados e dele cobrados. São mecanismos internos/íntimos de vigiar e punir o sujeito. As normas e valores presentes no meio social de Tertuliano determinam a construção da identidade do sujeito, que passa a delimitar suas ações de acordo com esse conjunto normativo.

Assim, tais mecanismos demonstram como, nas sociedades contemporâneas, os sujeitos estão encarcerados não apenas nos seus trabalhos, escolas, orfanatos, hospitais, apartamentos, mas sobretudo são prisioneiros das regras e padrões sociais, que lhes ditam/determinam o comportamento e os passos, ainda que só os casos mais desviantes de comportamento sejam encarcerados em prisões.

3 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, INSTITUCIONAL E, SIMBÓLICA: ALGUNS CONCEITOS E PONDERAÇÕES

Conceituar a violência não é tarefa simples, pois ela é multifacetada e de concepção muito variável de acordo com a cultura, a sociedade e o recorte histórico que se considera. Atualmente, no ocidente, de modo geral, é concebida como o emprego de alguma força (em variados níveis) para atingir um intento, podendo ser imposta como modo de, entre outras coisas, ostentar, manter poder ou tentar legitimar as vontades e os desejos daquele(s) que a comete(m). Na dinâmica social, a violência ocupa um espaço relevante, inclusive na constituição do ser humano, e está presente nos diversos contextos culturais, políticos e econômicos, fazendo parte das relações humanas em variadas medidas. Para Minayo, a violência pode ser uma forma de controle e castração dos desejos, das vontades e da própria liberdade de pensamento ou o:

Useo intencional da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação". (MINAYO, 2003, p. 5)

No entanto, não podemos confundir violência com a agressividade, sendo esta uma predisposição, uma inclinação ao comportamento violento e a violência o movimento em si que desrespeita, viola e afeta emocionalmente um ser. O ato de violentar está presente no discurso, na crítica, nos moldes impostos pela sociedade, pela instituição familiar e até pelas instituições públicas que exercem através da violência seu poder, mas nenhuma sociedade está isenta da presença da violência. Ela está representada no uso da força nas relações de poder, no controle e na detenção de privilégios, na submissão de indivíduos ou do interesse público em favor de determinada classe ou grupo, provocando danos aos outros.

Ancorada aos movimentos histórico-culturais, a literatura torna possível a reflexão sobre as múltiplas experiências humanas e sociais, inclusive aquelas marcadas pelos mecanismos de poder, pelo emprego de força e pela violência, como também a constituição de movimentos de resistência nesses contextos. Aliás, sendo detentora de um espaço privilegiado e relativamente livre para a abordagem

de variados assuntos, a obra literária até pode viabilizar a produção de discursos de resistência, dar visibilidade a vozes silenciadas socialmente e destaque a situações de indivíduos marginalizados e vítimas da violência, por vezes. Por isso, a análise das representações de algumas vertentes da violência na ficção saramaguiana pode, entre tantas outras coisas, contribuir para a compreensão de determinados fenômenos violentos, sua aderência às relações humanas, causas, consequências, possíveis soluções, bem como para a avaliação de ligações entre tais fenômenos e esferas de poder.

A violência é abordada em toda a obra de Saramago, na qual é notório o protagonismo de muitos personagens humildes e de mulheres, em movimentos da resistência. Em *Memorial do Convento* (1982), por exemplo, a violência é representada pela opressão e pela exploração praticada por membros de elites políticas e aristocráticas contra personagens de classes menos favorecidas, representadas pelo trabalhador braçal Baltazar, pela feiticeira Blimunda e pelo religioso Bartolomeu. Na obra *O ano de 1993* (1975), escrita em versos prosaicos, aparece um cenário apocalíptico de sitiamento militar de uma população, submetida e violentada, mas que se liberta através de uma revolução bem-sucedida. Já na obra *O homem duplicado* (2002), os medos e frustrações de personagens como Tertuliano revelam fragilidades do homem contemporâneo frente a uma sociedade em que os sujeitos se comportam de forma cada vez mais individualista.

A violência é, pois, um conjunto de práticas inseparáveis da constituição de uma sociedade, perpetrada por disputas de poder e ainda pelo uso da força, permeada em variados costumes, elementos culturais e até nas linguagens humanas. Entretanto, as sociedades contemporâneas produzem mecanismos cada vez mais sutis e complexos de violência, na dominação e no disciplinamento dos corpos, imiscuídos em rotinas sociais e instituições, hábitos e práticas culturais variados. Para Pierre Bourdieu (1983, p. 8), o poder simbólico da linguagem constitui relações de poder, contribuindo para que estruturas de dominação se assegurem e legitimem classes dominantes nas relações entre os sujeitos. Essas complexas teias de relações podem produzir fenômenos sutilmente violentos, que o pesquisador chama de violência simbólica. Um aspecto-chave na conceituação elaborada por Bourdieu para a violência simbólica está nas relações entre o poder e o capital, isto é, o poder pode ser representado pelo capital econômico (renda, salários, imóveis), cultural (saberes e conhecimentos reconhecidos por títulos e diplomas) e o simbólico

(prestígio e honra), sendo este último derivado dos capitais anteriores. A categorização dos capitais e a hierarquização do poder e dos privilégios sociais desenvolve variadas formas da violência simbólica.

Nessa complexa teia de relações sociais contemporâneas, a violência institucional também ganha destaque e complexidade, manifestando-se através de rotinas em diferentes órgãos e até nas ações de agentes públicos, podendo materializar-se através de regras e de relações burocráticas e políticas, seja pela negligência, violência verbal, ameaças, repreensão entre outras, inclusive com o objetivo de disciplinar os comportamentos humanos e controlar os corpos. A APAV – Associação portuguesa de apoio à vítima – (APAV, 2015, p.1), considera violência institucional “qualquer tipo de violência exercida no contexto de uma instituição, pública ou privada, com ou sem bens lucrativos, praticada contra pessoas de ambos os sexos e de qualquer idade”, destacando-se entre as formas de violência institucionalizadas em muitos órgãos, o assédio moral, que pode gerar danos físicos e mentais à vítima como: depressão, baixa produtividade e empobrecimento da criatividade.

Foucault (1987) ensina que o poder exercido pelas instituições pode se manifestar até nas estratégias de convencimento aos sujeitos de que devem se adequar às normas propostas, fato que o teórico chama de docilização dos corpos. Isso porque, no século XX, os elementos punitivos se transformam, com a intenção de não prejudicar o corpo de trabalho, ou seja, buscam garantir que o indivíduo seja disciplinado, aprenda o comportamento conveniente à dinâmica sociocultural capitalista sem causar danos físicos aos corpos trabalhadores.

Outra categoria da violência que pode permanecer quase invisibilizada socialmente, oculta nos lares, é a doméstica (APAV, 2015, p.4), que inclusive pode refletir formas de violência simbólica e institucional. Por muito tempo, esse conjunto de práticas violentas, muito ligadas ao ambiente doméstico, foi tratado apenas como um problema estritamente familiar, de responsabilidade do “chefe” da família, sobretudo em sociedades marcadas pelo patriarcalismo e pelo machismo, sendo assim muitas manifestações da violência doméstica ignoradas por autoridades na elaboração de leis e políticas públicas. Às vezes, chega a ser minimizada ou justificada como maneira de educar, socializar, responsabilizar, impor limites e respeito, honrar a instituição familiar... Entretanto, o fato é que a violência doméstica produziu e produz muitas vítimas, provoca agravos físicos e emocionais em

diferentes níveis, partindo de um ambiente criado supostamente para trazer segurança aos sujeitos, mas que acaba fragilizando por vezes algumas partes mais vulneráveis, como crianças e idosos. A violência pode derivar, nesses ambientes familiares, da dominação de uns entes a outros, mas também até do excesso de zelo que pode ocorrer de alguns entes familiares em relação a outros.

Bourdieu no preâmbulo de *A dominação masculina* alerta para o fato de que, por vezes, a dominação é um dos pilares da violência como:

Excelência da submissão paradoxal, resultante daquilo que se chama de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que exerce essencialmente por vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente do desconhecimento do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2003, p.37)

Assim, vemos que as várias formas de violência, derivadas de relações de poder, do uso da força e do exercício da dominação encontram-se imbricadas no cotidiano das relações sociais, muitas vezes desdobrando-se em vários aspectos e suscitando várias possibilidades de divisão e subdivisão, dependendo do pesquisador e do ângulo que se escolhe para avaliar o assunto. Por esse motivo, elegemos três designações de violência para abordar na narrativa de Saramago: a institucional, a doméstica e a simbólica, como já dissemos, por vezes imbricadas em algumas cenas do romance. Na obra literária, encontramos representações da violência simbólica e da institucional em instituições escolares, como aquela em que trabalha Tertuliano, já que as rotinas institucionais e agentes a ela ligados buscam, muitas vezes, controlar o protagonista, os alunos, os professores e outros personagens, levando-os a obedecer sem questionar as regras da instituição de trabalho. Até a nomenclatura usada para nomear as áreas do conhecimento: disciplinas, suscitam esse controle institucional exercido sobre os corpos discentes e docentes na escola e sobre o corpo social em geral. Como exemplo do controle, da disciplina e do cerceamento desses corpos, citamos o trecho abaixo, em que o narrador compara ao ensino-aprendizagem um bonsai, podado, limitado, cerceado, controlado, diminuído:

A História que Tertuliano Máximo Afonso tem a missão de ensinar é como bonsai a que de vez em quando se aparam as raízes para que não cresça, uma miniatura infantil da gigantesca árvore dos lugares e do tempo, e de quantos neles vai sucedendo, olhamos, vemos a desigualdade de tamanho

e por aí nos deixamos ficar, passamos por alto outras diferenças não menos notáveis, por exemplo, nenhuma ave, nenhum pássaro, nem sequer o diminuto de beija-flor, conseguiria fazer ninho nos ramos de um bonsai, e se é verdade que à pequena sombra deste, supondo-o promovido de suficiente frondosidade, pode ir acoitar-se uma lagartixa, o mais certo é que ao réptil lhe fique a ponta do rabo de fora(SARAMAGO, 2002, p.15).

O narrador denuncia a fragilidade e a insatisfação do protagonista diante da instituição, sua sensação de impotência e de incapacidade de mudar as regras e rotinas já estabelecidas para/pela escola. O uso da metáfora do bonsai pode representar até a castração de ideias e opiniões à personagem. Como ensina Bourdieu (1989), a instituição escolar e seus membros são muitas vezes, ao mesmo tempo, disciplinados e disciplinadores, são vítimas desses elementos institucionais com todo seu poder simbólico, mas também gradativamente são convertidos em atores na perpetuação desses modelos, sempre de modo sutil, quase imperceptível, diluído nas rotinas dos envolvidos:

[...] É necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (BOURDIEU, 1989, p.7).

Sobre o poder simbólico, Bourdieu mostra que, para descobrirmos um dominador, é necessário encontrarmos o sujeito que será/é dominado, pois tal poder é, quase sempre, no contexto atual, imperceptível ao olhar menos criterioso. E mesmo assim esse dominador, muitas vezes, não tem uma única face identificável, não é um sujeito único, mas são interesses de um grupo ou de vários grupos. E a violência relacionada à concretização desse(s) interesse(s), na maior parte das vezes, nem será praticada pelo sujeito diretamente beneficiado, mas por agentes e instituições responsabilizadas socialmente por essas tarefas de estabelecer regras, disciplinar, vigiar e punir, como ensina Foucault (1987): os grupos no poder têm as prerrogativas de estipular “mecanismos sociais de disciplinar indivíduos, modelando seu discurso, seus desejos, a bem dizer, a sua própria subjetividade”, através de escolas, hospitais, prisões, lares, do direito e de órgãos ligados ao judiciário, ao legislativo, ao executivo, entre tantos outros.

Pierre Bourdieu (2003, p.7-8) mostra que a violência simbólica, diluída nos cotidianos contemporâneos e nas rotinas institucionalizadas nas sociedades, é uma “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce

essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento”. Por isso, em relação à dominação e à violência simbólicas, a resistência é muito mais difícil, pois é algo que “se absorve como ar, algo pelo qual o sujeito não se sente pressionado, está em toda parte e em lugar nenhum, e é muito difícil escapar dela”, segundo Bourdieu e Eagleton (2007, p. 270), até porque, muitas vezes, estão imbricados a processos de comunicação: “o poder simbólico como poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer”, de confirmar ou de transformar a visão do mundo dos sujeitos.

Assim, o poder simbólico exercido na narrativa de Saramago representa também o poder do senso comum e das instituições cristalizadas na sociedade e a força que exercem sobre os personagens. A violência institucional na obra apresenta os instrumentos criados pelas instituições para vigiar e controlar as atitudes dos indivíduos seja a partir da escola, do trabalho ou até do próprio regime de regras de uma sociedade. A violência simbólica em *O homem duplicado* (2002) é notada em vários momentos, como nos embates entre os duplos, um querendo destruir o outro para afirmar sua própria identidade.

Sobre a violência doméstica na narrativa, temos a de António Claro contra sua esposa Helena, em várias cenas oprimida, traída, confinada e humilhada pelo ator. Mas, por outro lado, há também personagens altruístas que se dedicam ao cuidado com o próximo, como o zelo da afetuosa e forte dona Carolina, mãe protetora da personagem Tertuliano.

De acordo com Maria Ignez Costa Moreira e Sônia Margarida Gomes Sousa (2012, p. 13-26), a violência doméstica é um problema social de alta complexidade, pois trata-se de “uma ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro” do mesmo ambiente doméstico. Assim a violência configura-se pelas relações familiares abusivas. Na definição das pesquisadoras, há dois aspectos que podem ser observados, o primeiro que se trata de uma violência interpessoal perpetrada no espaço doméstico, ou seja, pelos próprios familiares em várias formas e gradações, indo desde a violência física e a sexual, até a psicológica e a moral nos lares. Já o outro aspecto é a prática violenta que não se restringe ao espaço doméstico e pode ocorrer até nos espaços públicos e também não é só física, como muitas vezes pode ocorrer. Mas também pode ser psicológica, moral, social e

simbólica, desde as mais evidentes até as mais sutis.

Helena (esposa de António Claro) é a que mais sofre na obra com a violência doméstica praticada pelo esposo, sobretudo quando este prejudica o bem-estar dela, sua integridade psicológica, sua mobilidade, sua liberdade e cerceia outros direitos dela. Tertuliano sofre mais com a violência institucional e a simbólica, até encontrar seu duplo e este se tornar ameaça também à integridade física e à sua saúde psicológica, entre outras coisas. Apesar de abúlicos (Helena e Tertuliano) nas suas primeiras aparições na obra, em um dado momento, ambos conseguem tomar consciência de sua situação e empreendem certos gestos de resistência a algumas formas de dominação sofridas. Conseguem até, ao fim da narrativa, se emancipar de algumas situações e se livrar de determinados assédios e violências, sobretudo os advindos de António Claro, ainda que passem a enfrentar outras novas ameaças e situações adversas, como a aparição de um novo duplo. Abordamos no capítulo posterior algumas dessas cenas de violência com mais detalhes.

4 REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA E DO CUIDADO EM O *HOMEM DUPLICADO*

A personagem Carolina representa a proteção e o cuidado materno ao protagonista da obra literária, enquanto o antagonista António Claro ameaça, assedia e agride de variadas formas seu rival Tertuliano. No romance de Saramago, o ator António Claro também é violento com sua esposa Helena, a quem ameaça, oprime, assedia e isola. Além dessas formas de violência (verbal, psicológica e até física) vindas de um oponente, várias personagens do romance sofrem privações também com a disciplina imposta pelo seu regime de trabalho, pela escola, pela família e por outras instituições sociais. Males dessa sociedade ficcional capitalista, como o individualismo, o isolamento e a solidão, por exemplo, podem ocasionar perdas identitárias de personagens a exemplo de Tertuliano e Helena, vítimas de algumas formas de violência.

Tertuliano, ao início da narrativa, é um exemplo de sujeito disciplinado e contido, sem muita autonomia, talvez por isso deprimido e desmotivado, limitado por diversos instrumentos de controle, que são apresentados ao longo da narrativa. Como já citamos, nesse processo disciplinar, a personagem cada vez mais amesquinhada é comparada a um bonsai, cortado para que não crescesse ou para que permanecesse submisso às fronteiras impostas, controlado ou controlável e, por que não dizer, mais útil à sociedade de consumo e produção em massa. No trecho que se segue, temos outro exemplo de crítica do narrador à disciplina e à busca de simplificação nas sociedades contemporâneas, utilitaristas e pragmáticas, que exigem dos sujeitos comportamentos comedidos e equilíbrio emocional:

As pessoas equilibradas são assim, têm o costume de simplificar tudo, e depois, mas sempre tarde de mais, é que as vemos assombram-se com a copiosa diversidade da vida, então lembram-se de que os bigodes e as barbas não têm vontade própria, crescem e prosperam quando se lhe permite (SARAMAGO, 2002, p.23).

Os costumes disciplinadores, notados no fragmento acima, são aprendidos e reproduzidos por Tertuliano e outros personagens dessa sociedade ficcional, que representa a sociedade de consumo e produção em massa. Essa disciplina é repetida ou perpetuada também no seio familiar e nos ambientes de trabalho e

estudo. A escola, os modelos sociais e até a figura materna são referências que os adotam para pautar suas atitudes, por vezes demonstrando falta de autonomia e até, no caso de Tertuliano e Helena, falta de motivação em determinados momentos. Prova disso são os diálogos de Tertuliano com o senso comum (clichês e ditados populares) e os constantes aconselhamentos da matriarca ao protagonista. Vale lembrar também da submissão de Helena ao marido e do acatamento, mesmo a contragosto, do protagonista às determinações dos seus superiores e pares na escola, que impõem constantes limites à atuação do professor de História Tertuliano.

Carolina, a Cassandra², cuidadosa e afetuosa mãe do protagonista, em busca de proteger o filho Tertuliano, esforça-se para que ele se submeta a determinados desígnios sociais e reproduza certos padrões para que, assim, seja mais aceito socialmente e corresponda a expectativas do mercado de trabalho.

Essas laranjas a que está a referir-se são países, ou são pessoas, quis saber Tertuliano Máximo Afonso, Dentro de um país, são as pessoas, no mundo são os países, e como não há países sem pessoas, por elas é que o apodrecimento começa, inevitavelmente (SARAMAGO, 2002, p.39).

Através da lição acima, a mãe parece desejar que o filho aceite desígnios sociais e parece querer afastar o filho de influências contrárias aos padrões ou busca evitar desvios de comportamento em seu filho, que possam ser causados pelo contato com sujeitos transgressores ou as ditas “más-companhias”, que fogem dos padrões impostos socialmente. Claro que a intenção é de alertar o filho para se afastar de perigos e para ser mais aceito/entrosado socialmente, mas acaba reprimindo-o de certo modo. É o que se nota na metáfora das laranjas podres que contaminam outras próximas, tentando influenciar as ações e opiniões do filho, possivelmente para favorecer a socialização e o ajuste social dele.

Com isso, a mãe zelosa Carolina parece tentar evitar (ou minimizar) no filho também os efeitos desses males tão contemporâneos que são o individualismo, o isolamento, a solidão e as crises identitárias, que acometem Tertuliano, em muitos momentos da narrativa. Os exemplos a seguir revelam um personagem angustiado, atormentado, mal ajustado ou desejoso de insurgir-se contra tradições e reformar

² Cassandra, personagem da mitologia grega, filha de Príamo, rei de Troia. Conquista a paixão de Apolo, que lhe dá dom da profecia, porém, quando o deus percebe que não é recíproco a amaldiçoa, fazendo com que todas as suas profecias sejam tomadas como falsas. Por isso, o complexo de Cassandra se aplica a pessoas que mesmo que digam a verdade são consideradas como mentirosas, ou melhor quando emite um conselho e este é ignorado

alguns padrões sociais e escolares:

É verdade que Tertuliano Máximo Afonso entrou na aula de cara amarrada, o que, observado por um estudante que se cria mais perspicaz que a maioria, o levou a sussurrar para o colega do lado, Parece que o tipo vem a mosca, mas não era certo, o que se notava no professor já era o efeito final da tormenta.(...)

Depois do almoço, Tertuliano Máximo Afonso participou, com a maior parte dos colegas, numa reunião que havia sido convocada pelo diretor a fim de ser analisada a última proposta de atualização pedagógica emanada do ministério, das mil e tantas que fazem da vida dos infelizes docentes numa tormentosa viagem a Marte através de uma interminável chuva de ameaçadores asteroides que, com demasiada frequência, acertam em cheio no alvo (SARAMAGO, 2002, p.45).

As instituições escolares e profissionais constituem poderosos e complexos mecanismos de ajustamento (ou até de manipulação por vezes),perpetuação de tradições, modelação de comportamentos e conformação a padrões de conduta. No caso da personagem Tertuliano, a escola exerce esse papel pelas diretrizes curriculares, projetos político-pedagógicos; comportamentos dos profissionais, docentes e discentes; organização disciplinar do espaço e burocrática dos tempos/rotinas de estudo/trabalho; até pela voz de autoridades como a direção, entre outros elementos.Todos acabam contribuindo, em maior ou menor grau, para o controle das condutas dos envolvidos, para a adequação de todos e todas às engrenagens do sistema social vigente e para a repressão ou a inibição de possíveis mudanças no sistema de ensino-aprendizagem-trabalho.Exemplo disso são as reuniões vazias e silenciosas dos “infelizes docentes”, que ao invés de debater, problematizar, reformular e transformar constantemente o seu sistema de ensino-aprendizagem-trabalho, muito mais o reproduzem e perpetuam ao longo do tempo. Isso para desgosto do professor Tertuliano que, no início do fragmento anterior, mostra sua insatisfação ao executar a sua tarefa diária, sem nenhuma perspectiva de transformação ou de transgressão nas aulas, sentindo-se preso aos modelos repetidos diversas vezes.

Por outro lado, num extremo oposto, encontramos o antagonista António Claro, que transgride padrões, mas não de modo construtivo e libertador dos envolvidos em suas atividades. Ao contrário, o ator manipula padrões ou os transgride para obter vantagens individuais e egoístas, mesmo que destruindo o próximo, como se nota no exemplo a seguir, na proposta realizada por António Claro

a Tertuliano, para participarem de uma aventura:

Convidei-a para ir hoje comigo ver uma casa de campo que está para alugar, A sua casa de campo, Exatamente a minha casa de campo, mas fique descansado, quem falou pelo telefone com sua amiga Maria da Paz não foi António Claro, mas sim Tertuliano Máximo Afonso, Você está doído, que diabólica trama é esta, que pretende, Quer que lhe diga, Exijo-o, Pretendo passar esta noite com ela, nada mais(...) (SARAMAGO, 2002, p. 277).

Claramente, o ator pretende obter vantagens ameaçando Tertuliano e enganando Maria da Paz. Transgride padrões de comportamento social e a lei, engana e manipula personagens por razões fúteis e egoístas: desfrutar de prazeres sexuais, em prejuízo dos demais. Se por um lado, esta proposta, já interpretada como uma decisão e uma imposição de António Claro, surpreende e indigna Tertuliano, por outro lado serve para tirar o professor da acomodação e da passividade, levando-o a começar a pensar e ensaiar uma atitude mais agressiva diante do seu impostor e diante das imposições sociais. Mesmo que, diante da chantagem, da força persuasiva e coativa de António Claro, Tertuliano não consiga evitar o abuso do opositor, passa a buscar modos de reagir e transformar a situação, desacomoda-se, assume postura cada vez menos passiva ou cada vez mais ativa diante dos acontecimentos a partir de então na narrativa.

O controle exercido por António Claro e a violência por ele praticada – em relação à esposa Helena, especialmente, mas depois também a Tertuliano e até a Maria da Paz – não são físicos. Como diria Foucault (1987, p.12), são “punições menos diretamente físicas, mas uma certa descrição na arte de fazer sofrer, um arranjo de sofrimentos mais sutis, mais velados e despojados de ostentação”. Nessa narrativa saramaguiana sobre uma sociedade individualista, consumista e ainda machista no século XXI, ganham relevância a dominação psicológica, a violência verbal, a reificação e a mercantilização até de corpos, sobretudo os corpos femininos e os corpos humildes, que trocam subsistência por longas jornadas de trabalho. Trabalho diário de Maria da Paz no banco, do professor Tertuliano na escola, do ator António Claro no set e da esposa Helena no lar.

De certo modo, António Claro sabe utilizar a fraqueza emocional de Tertuliano para satisfazer seus caprichos e desejos, como se nota no fragmento a seguir: “Pareceu que tinha deixado descair os ombros, vencido, quando o outro disse, depois de ter olhado o relógio, é tempo de ir andando”(SARAMAGO, 2002, p. 279). O

arrojado António Claro explora a resignação de Tertuliano abúlico, que não tem forças para escapar da aventura fútil do seu duplo, mesmo colocando em perigo Maria da Paz.

Entretanto, essa fútil aventura forçada desperta em Tertuliano um misto de curiosidade, rivalidade e revanchismo, um desejo de derrotar o duplo António Claro, como nota o narrador no seguinte trecho: “pensou em António Claro como um inimigo que havia vencido a primeira batalha, mas que irá perder a segunda se neste mundo ainda resta justiça” (SARAMAGO, 2002, p. 281). Por isso, como já dissemos, Tertuliano recupera o vigor e também assume a identidade de seu duplo, desejoso de uma revanche, curioso sobre a esposa do outro e interessado em vivenciar a rotina do arrogante António Claro. Neste momento, observamos que através das atitudes do duplo, Tertuliano se retira mais uma vez da sua zona de conforto e assume a direção da própria vida, mesmo que seja se passando por outrem.

Portanto, em diferentes medidas, são dois sujeitos insatisfeitos com aspectos de suas rotinas e, por isso, experimentando a vida do outro. Claro que por motivos diferentes e com objetivos distintos. Tertuliano a princípio se vê obrigado e depois deseja vingança. O ator quer destruir o seu duplo e se aproveitar do próximo, mas acaba por se destruir também e proporcionar um recomeço aos que ficam. Com isso, essa narrativa de Saramago nos propõe reflexão sobre crises existenciais de sujeitos em sociedades contemporâneas, a partir de “miudinhos escrutínios da solidão” (SARAMAGO, 2002, p.10) e evidencia como a violência de forma sutil se apresenta através de elementos do cotidiano.

Em contraponto a essas posturas destrutivas – que visam a se aproveitar do próximo, usar o outro ou destruí-lo – temos o cuidado ou zelo de personagens como Carolina, a mãe de Tertuliano. Mesmo por vezes sufocando o filho em super proteção, expressa a dedicação abnegada ao próximo, o desejo de ajudar o outro. Aliás, nas narrativas de Saramago, é comum as personagens femininas humildes assumirem papel de destaque construtivo, como ocorre em *O homem duplicado*.

As mulheres das obras de Saramago são inseridas no mesmo contexto que a maior parte das outras personagens: personagens comuns, sem efeitos heroicos, mas capazes de reviravoltas para transformar seus respectivos cotidianos: “Reflito e escrevo sobre pessoas comuns porque essa é a gente que conheço” (2013, p.35). O autor valoriza a vida simples e reconhece nessas mulheres e homens humildes (muitas vezes explorados e oprimidos, mas fortes) o potencial emancipador humano.

Potencial especialmente destacado em certas mulheres, ainda mais oprimidas e exploradas nessas sociedades ficcionais machistas. O autor escreve para desassossegar, alertar, denunciar e trazer a esperança de uma sociedade melhor.

Em *O homem duplicado*, o zelo das personagens é evidenciado como caminho para uma possível redenção dos personagens aflitos, que enfrentam adversidades. Tertuliano se cerca de mulheres fortes e zelosas, como a mãe Carolina, a namorada Maria da Paz, a vizinha e, depois, Helena. As primeiras o amparam enquanto ele estava abúlico, recluso e frágil, como se nota no trecho a seguir:

A sala estava arrumada, sobre os tampos dos móveis não havia um grão de pó, é uma grande e solene verdade que os homens, mesmo vivendo sozinhos, nunca conseguem separar-se inteiramente das mulheres, e agora não estávamos a pensar em Maria da Paz, que por suas pessoais e duvidosas razões apesar de tudo o confirmaria, mas à vizinha do andar de cima, que ontem passou aqui toda a manhã a limpar, com tanto cuidado e atenção como se a casa fosse sua (SARAMAGO, 2002, p. 261).

Nesse início da narrativa, Tertuliano depende muito do cuidado das pessoas que o cercam. Carolina, Maria da Paz e até a vizinha dele representam esse cuidado, acolhimento e afeto maternal construtivo, tão necessários ao bem-estar dos indivíduos. Enquanto isso, António Claro para Tertuliano (e até para Helena) representa o oposto: desafeto, descuido, indiferença e agressão ao próximo.

Segundo Leonardo Boff (2017, p.5), o cuidado é definido como “o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência. No cuidado identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem-viver e das ações um reto agir”. O zelo expresso na narrativa a partir da mãe, da namorada e até da vizinha, ao limpar a casa de Tertuliano, denota a humanidade que se preocupa com o próximo. Esse cuidado com o sujeito e com o ambiente que o cerca é a condição primordial para que qualquer sujeito tenha saúde, prosperidade e felicidade.

Enquanto a vizinha cuida de manter o ambiente saudável, limpando e arrumando a casa de Tertuliano, a persistente namorada Maria da Paz tenta cuidar do ambiente e do emocional de Tertuliano, buscando tirá-lo da abulia para viver um relacionamento conjugal saudável com ele, muitas vezes sem sucesso: “Não nos beijamos, beijei-te eu, Sim, não tiveste outro remédio, Estás a dramatizar, Tens razão, exagero, dramatizo, exagerei vindo a tua casa..., ao abraçar-me a um homem que deixou de gostar de mim” (SARAMAGO, 2002, p.106).

Claro que esses cuidados e afetos nem sempre bastam ao sujeito, como não bastaram ao abúlico Tertuliano, o qual precisou de um incômodo, de um desafio (embate com António Claro) para sair da abulia. Mas, sem esse cuidado e esse suporte que Tertuliano ganha das personagens femininas que o cercam, vencer os desafios cotidianos torna-se muito mais difícil.

António Claro também goza dos cuidados da esposa Helena na narrativa, que lhe garantem sobra de tempo para o trabalho no cinema e para aventuras, como as mencionadas nesse capítulo. Também ao ator não bastam os cuidados e afetos da esposa, razão pela qual o ator e o professor se desafiam.

Assim, notamos que as personagens femininas se dedicam muito mais a cuidar e amparar o outro nessa obra de Saramago, enquanto os personagens masculinos dedicam-se bem mais a suas aventuras particulares e demandas individuais. São representações nessa sociedade ficcional do machismo, que ainda é tão presente também em sociedades contemporâneas, apesar de tantos esforços feministas para uma divisão mais equitativa das tarefas entre homens e mulheres.

No próximo capítulo, analisamos algumas dessas vertentes da violência apresentadas na narrativa, muitas delas representadas em atitudes de António Claro e em elementos simbólicos disseminados por diferentes instituições dessa sociedade ficcional ainda machista. Por outro lado, ainda aparece esperança na obra, representada sobretudo pelo comportamento afetuoso de algumas personagens femininas em seu cuidado para com o próximo, responsáveis pela recuperação das relações humanas.

4.1 Do zelo à violência doméstica: proteção maternal e abuso marital em *O homem duplicado*

A violência doméstica, em suas várias formas, atinge parcela importante da população mundial e repercute de forma significativa sobre a saúde física e mental das pessoas a ela submetidas. Na realidade, é um assunto mais complexo e com grande amplitude, cujo enfrentamento depende de inúmeros setores da sociedade. Para a dimensionarmos devemos considerar qualquer tipo de abuso de relação, de abuso praticado no contexto privado doméstico contra qualquer um dos membros

daquele espaço, é a flagrante violação dos direitos humanos, muitas vezes praticada por um ente familiar que deveria proteger o outro. Por vezes, está associada apenas ao castigo físico, porém na sociedade contemporânea, vincula-se ao controle psíquico do outro, através de ameaças, castigos e outras formas de abuso.

A família é o primeiro núcleo da socialização dos indivíduos. É a família que primeiro transmite os valores, usos e costumes que irão formar as personalidades e bagagem emocional das pessoas. E é o espaço doméstico, o primeiro abrigo... Definição de violência doméstica. Famílias despreparadas para compreender, administrar e tolerar seus próprios conflitos tendem a se tornar violentas.

O autor da violência doméstica é, predominantemente, o homem, segundo Silva, Coelho e Moretti-Pires (2014, p. 278–283), como ocorre na narrativa de Saramago, em que vemos António Claro praticar algumas formas de violência contra a sua esposa Helena. Por outro lado, na obra, a mãe de Tertuliano, Carolina (Cassandra), é a figura observadora, cuidadosa e protetora que, por vezes, aparece como incentivadora e conselheira do filho apático e abúlico. Ela é um porto-seguro para as aflições do professor, apesar de nem sempre ser ouvida e apesar de o filho, por vezes, só entender e valorizar seus conselhos bem depois, como se nota no trecho do romance a seguir:

(...) a pouco e pouco a expressão foi-se-lhe tornando séria, logo reflexiva, logo inquieta, tinha-lhe vindo à lembrança o que a mãe dissera, Oxalá ela ainda lá esteja quando tu acordares, e estas palavras ressoaram em sua mente como o último aviso de uma **Cassandra já cansada de não ser ouvida** (...) (SARAMAGO, 2002, p. 267, grifos nossos).

A professora Eloísa Porto Corrêa A. Braem (2005) afirma que até a imagem da casa é, por vezes, considerada o espaço seguro, restrito e protetor do professor Tertuliano. Se por um lado, a casa ou apartamento, nas sociedades contemporâneas, pode se assemelhar a uma cela, contribuindo para o isolamento do sujeito cada vez mais individualista nas sociedades de consumo, por outro lado, em outros momentos, ela também pode funcionar como refúgio. Para Tertuliano, Carolina (a mãe) é o acolhimento maternal e o conforto, que por vezes consola-o das dificuldades exteriores (trabalho e escola). É o que se nota no fragmento a seguir:

(...) A casa de Tertuliano Máximo Afonso abriu-lhe os braços como uma

outra mãe, com a voz do ar murmurou, Vem, meu filho, aqui me encontras a tua espera, eu sou o teu castelo e o teu baluarte (...) A sala estava arrumada, sobre os tampos dos móveis não havia um grão de pó, é uma grande e solene verdade que os homens, mesmo vivendo sozinhos, nunca conseguem separar-se inteiramente das mulheres, e agora não estávamos a pensar em Maria da Paz, que por suas pessoais e duvidosas razões apesar de tudo o confirmaria, mas à vizinha do andar de cima, que ontem passou aqui toda a manhã a limpar, com tanto cuidado e atenção como se a casa fosse sua (SARAMAGO, 2002, p. 261)

Vemos que Tertuliano tem sua zona de conforto, por vezes, ligada à sua casa, mas também ao aconchego do lar e à proteção feminina: da mãe, da namorada e até da vizinha, que limpa sua casa. A casa tem a dupla conotação na obra, ora contribuindo no isolamento do sujeito abúlico e deprimido, ora servindo como refúgio protetor.

Segundo Bourdieu, o estado, as instituições patriarcais e as religiosas cristãs seriam responsáveis por perpetuar a imagem de mulher submissa, subjugada ao sexo masculino, na esteira da Virgem Maria cristã, defensora dos valores tradicionais, como ele diz em seu livro *A dominação Masculina* (2003):

Se é verdade que o princípio de perpetuação dessa relação de dominação não reside verdadeiramente, ou pelo menos principalmente, em um dos lugares mais visíveis de seu exercício, isto é, dentro da unidade doméstica, sobre a qual um certo discurso feminista concentrou todos os olhares, mas em instâncias como Escola ou o Estado, lugares de elaboração e de imposição de princípios de dominação se exercem dentro mesmo do universo mais privado[...] (BOURDIEU, 2003, p. 5)

Esses valores defendidos constituem fortes estruturas da sociedade, e a mulher submissa e inferior é melhor controlada. Tanto a Igreja quanto a sociedade justificam essa submissão pelo argumento da manutenção da Família. É o que ocorre com a personagem Helena que, em seu ambiente doméstico, não encontra proteção, incentivo e conselhos afetuosos em seu ambiente doméstico. António Claro, ao contrário de Carolina, abusa psicologicamente da esposa Helena, dominando-a, como se nota no fragmento a seguir:

(...) agora já não estava tão certo de poder conseguir tirar algum proveito desta história, mas, como antes dissera, havia que pensá-lo. A mulher chegou um pouco mais tarde que de costume, não, não tinha ido às compras, a culpa era do trânsito nunca se sabe o que pode suceder, de mais o sabia António Claro, que tinha levado uma hora a chegar à rua de Tertuliano Máximo Afonso, mas disto não convém que se fale hoje, tenho a certeza de que ela não compreenderia por que o fiz. Helena também se calará, também tem a certeza de que o marido não compreenderia por que

o tinha feito ela (SARAMAGO, 2002, p. 193).

Ao percebermos a relação de António com Helena, não identificamos sentimentos positivos, pois ela se mostra uma mulher magoada diante das atitudes exploratórias do marido, tanto que ao perceber que Tertuliano havia trocado de identidade com António Claro, o aceita, pois o tratamento era melhor entre eles, a atuação tornou-se algo em ambos. Ele finge que é companheiro da sua esposa, todavia quando seu duplo aparece, não compartilha a informação com Helena. Essa relação individualista, porém com outro enfoque aparece também na relação estabelecida entre Tertuliano e Maria da Paz, este isolamento proveniente da sociedade contemporânea percorre a narrativa desde o seu início, mas ao contrário de Helena, Maria da Paz é uma mulher forte, segura e decidida, que acaba dominando/liderando sua relação com Tertuliano, por perceber a falta de atitude e de motivação de namorado:

(...) Não te deixes obcecar, toma um tranquilizante, Já tomei, estou a tomá-lo desde que esse homem telefonou para aqui, Não tinha dado por isso, É que não reparas muito em mim, Não é verdade, como poderia eu saber que andas a tomar comprimidos se o fazes às escondidas, Desculpa, estou um pouco nervosa, mas não tem importância isso passa, (...) (SARAMAGO, 2002, p.277)

A Helena não lhe saltaram as chamas, mas, inesperadamente, as lágrimas. Virou as costas ao marido e foi correr encerrar-se no quarto, fechando a porta com mais força que a necessária. (SARAMAGO, 2002, p.228)

Nota-se que António Claro não demonstra preocupação com os sentimentos de Helena, mas humilha-a, despreza-a e mantém o relacionamento pela comodidade, pelo conforto, pela utilidade e pelos benefícios que essa relação pode lhe trazer, garantindo que não lhe atrapalhe os planos e aventuras fora do matrimônio. Eloísa Porto Corrêa A. Braem (2005, p. 42) lembra que “a relação de António Claro e Helena já vinha desgastada pela falta de tempo de ambos, cada qual em seu trabalho; pela falta de diálogo, pela rotina e pela monotonia”. Corrêa lembra também que “coincidentemente são esses os mesmos agentes causadores da depressão e do tédio de Tertuliano, também compartilhados por Helena, carente de afeto, de aventura, de novidade”. António Claro costuma agredir a esposa Helena e, depois, passa a agredir também o desconhecido Tertuliano, mas involuntariamente acaba reunindo-os e possibilitando uma chance de esses dois criarem uma relação conjugal mais construtiva e satisfatória que as vivenciadas anteriormente por cada

um deles.

Na literatura de Saramago, as personagens femininas são marcantes por sua atuação construtiva, altruísmo e força. Em *Ensaio sobre a Cegueira*, temos várias mulheres fortes, mas o melhor exemplo é o da Mulher do Médico, a qual sacrifica-se pelo marido e, no decorrer da narrativa, pelos outros cegos de sua camarata. Sua força de tutora cuidadora e líder dos cegos é evidente durante toda a obra. Ela lança mão de todos os meios de que dispõe para amenizar o sofrimento daqueles que lidera e para impedir que sejam violentados, inclusive enfrentando e matando outras lideranças, que se mostravam violentas e gananciosas. Ela é um exemplo de mulher forte que escapa da subjugação para atingir independência, controle emocional e capacidade de fortalecer seus aliados e o seu grupo.

Em *O homem duplicado*, uma das personagens femininas fortes é a mãe de Tertuliano: Carolina (Cassandra), experiente, paciente, protetora, persistente no cuidado com o próximo e insistente para que o filho se cuide adequadamente, em busca de ajudar Tertuliano a sair da abulia e da depressão em se encontra. É o que se nota no fragmento a seguir:

(...) A mãe não é feita da mesma massa de Maria da Paz, essa satisfaz-se, ou assim o faz crer, com qualquer explicação que se lhe dê, essa não se importará de esperar toda a vida, se for necessário, o momento das revelações. A mãe de Tertuliano Máximo Afonso, em cada atitude, em cada movimento (...) está a dizer-lhe, Não te peço que me contes tudo, tens direito a guardar os teus segredos, mas uma única e irrenunciável excepção, a daqueles de que estejam dependentes tua vida, o teu futuro, a tua felicidade, esses quero sabê-los, é meu direito, e tu não podes negar (...) (SARAMAGO, 2002, p.229).

A força maternal de Carolina e a sabedoria que coloca em suas ações levam Tertuliano a buscar seus conselhos, por um lado, mas também o levam a omitir determinados dados íntimos, por vezes, como se nota no trecho anterior, talvez temendo reprimendas da mãe. De todo modo, Carolina se mostra, na narrativa, a personagem feminina mais preocupada com o bem-estar do filho. Tertuliano, apesar de buscar os conselhos da mãe para várias situações, demonstra hesitação ou receio em conversar com ela sobre certos assuntos pessoais, como as ameaças representadas pelo seu duplo, António Claro. Essa mesma dificuldade de se comunicar com a mãe sobre esse e outros assuntos é notada também em relação a Maria da Paz, com quem também não se abre. É notório que o desânimo e a depressão de Tertuliano afetam seus relacionamentos na obra.

Sobre essa dificuldade de se comunicar e de se relacionar na realidade concreta, Leonardo Boff (2017, p.15) afirma que é muito comum na sociedade contemporânea, a chamada “sociedade do conhecimento e da comunicação, que está criando, contraditoriamente, cada vez mais incomunicação e solidão entre as pessoas. Essa antirrealidade afeta a vida humana naquilo que ela possui de mais fundamental: o cuidado e a com-paixão”. Essa constatação se aplica ao protagonista do romance de Saramago, em certo sentido, pois Tertuliano se mostra solitário, isolado, carente, inseguro e calado, apesar dos cuidados da mãe, da namorada e de outros personagens que o cercam.

Entretanto, o maior exemplo da falta de com-paixão e de cuidado, de que nos fala Boff (2017, p. 20) é o antagonista António Claro, interessado nas personagens que o cercam mais pela vantagem que lhe podem proporcionar do que por afetos positivos, como se nota no já citado trecho em que anuncia a Tertuliano que pretende se aproveitar da semelhança entre os dois para enganar e usar Maria da Paz se passando pelo professor.

Outra personagem que sofre violência vinda de António Claro é Helena, esposa do ator, submissa, enclausurada, solitária e isolada em sua relação abusiva. Desprezada e sem amor, faz do seu lar vazio o seu abrigo e se fecha, como podemos notar no exemplo a seguir: “A minha cama é o meu castelo, respondeu ela, por trás das suas muralhas estou a salvo”(SARAMAGO, 2002, p. 234). A personagem busca na clausura um porto-seguro e um modo de se distrair da relação matrimonial desgastada. Em vários trechos, a submissão e a insatisfação em seu relacionamento conjugal com António Claro são evidentes, como lembra o narrador no fragmento a seguir: “A Helena não lhe saltara as chamas, mas, inesperadamente, as lágrimas” (SARAMAGO, 2002, p. 228). No fragmento anterior e no próximo, Helena, esposa de António Claro, apresenta sintomas de problemas psicológicos e de depressão.

O próprio marido (mesmo não sendo médico ou psicólogo) emite diagnóstico da esposa, recomenda medicação (controlada) a Helena e a incentiva a se automedicar, a tomar tranquilizantes para fugir dos problemas e esquecer das frustrações, ao invés de ajudá-la a resolvê-los, ou recomendar tratamento especializado e adequado. Tais elementos já apontam para uma relação nociva para a mulher:

(...) Não te deixes obcecar, toma um tranquilizante, Já tomei, estou a tomá-

lo desde que esse homem telefonou para aqui, Não tinha dado por isso, É que não reparas muito em mim, Não é verdade, como poderia eu saber que andas a tomar comprimidos, se o fazes às escondidas, Desculpa, estou um pouco nervosa, mas não tem importância, isto passa, (...) (SARAMAGO, 2002, p.234).

No fragmento anterior, a esposa reclama atenção e carinho do marido, que a acusa de transtornos psicológicos (mesmo não sendo psicólogo) e a culpa por seu próprio nervosismo, negando-se a dialogar e a tentar ajudá-la. Notamos que a violência sofrida pela mulher em questão não é física, mas sim psicológica, ao pensarmos na falta de atenção e de cuidado de António Claro para com Helena: “É que não reparas em mim” (SARAMAGO, 2002, p.234). Durante o diálogo entre as personagens, inclusive há indícios do descontentamento de Helena com as atitudes do esposo, principalmente depois do aparecimento do duplo. Teles e Melo (2003, p.18) ressaltam a concepção de violência sobre o gênero feminino como uma freqüente relação de poder, na qual a mulher é submissa ao homem, que sempre impões seus pontos-de-vista e decisões, negando-se a compartilhar autoridade com a esposa e negando-se ao diálogo, muitas vezes, como ocorre na relação entre Helena e António Claro.

O silêncio de Helena, muitas vezes, frente ao descuido do marido, atrasa e dificulta a saída dela desse relacionamento abusivo. Parece que Helena não encontra forças para sair do casamento com António Claro, como que negando-se a aceitar o fracasso do seu matrimônio, ou mesmo da instituição casamento, ou negando a aceitar que não tem modos/mecanismos para resolver os problemas do relacionamento abusivo em que se encontra, como se nota no trecho a seguir:

Helena era de matéria frágil e necessitava de cuidado, porém o esposo era vaidoso e ciente da dependência da mulher. António Claro limitou-se a responder que não tinha ciúmes, que era estúpido tê-los, o que estava era preocupado com a saúde dela. (SARAMAGO, 2002, p. 234).

Helena contenta-se com pouco ou quase nada que o marido lhe dá, agarra-se à “migalhas” sentimentais que o marido lhe oferece ou, por vezes até, conforma-se com mentiras e dissimulações do marido, preferindo se enganar a protestar contra os abusos do marido. Para Helena aquele simples sentimento de ciúme seria uma pequena e relevante demonstração de cuidado e prefere se isolar com seu sofrimento, para não conviver com as atitudes egoístas e nocivas do marido:

Sufoco naquela solidão, Então vamos para outro sítio, Já te disse que

prefiro ficar em casa, Será outra solidão, Mas nesta sinto-me bem, Se é isso o que realmente queres, Sim, é isso o que realmente quero realmente, Não havia mais o que dizer. (SARAMAGO, 2002, p. 234).

Isola-se e foge de sair com o marido para se proteger de novos sofrimentos ou fugir do problema.

O sentimento de angústia, a busca de isolamento e a solidão expressos na fala da personagem revelam alguns efeitos da violência nas relações dessas personagens do mundo ficcional contemporâneo, que levam ao adoecimento (depressão e outros transtornos) muitos sujeitos, como Helena e Tertuliano nessa obra de Saramago. Sobre isso, Caballo (1999, p.24) aponta para várias respostas comportamentais que observamos na personagem Helena, como rebaixamento de humor, a sensação de ineficácia, sentimento de solidão e a baixa autoestima, que são efeitos da violência provocada por António Claro na saúde e na personalidade da esposa Helena. Assim, esse comportamento na mulher, ao mesmo tempo, é fruto do relacionamento nocivo e favorece o domínio do agressor sobre ela, piorando cada vez mais o estado da vítima.

Como já mencionou Maria Alzira Seixo, “a maior parte das mulheres dos romances de Saramago são seres de orientação, de apoio e de resistência” (SEIXO, 1986, p.49), em maior ou menor medida. Assim, mesmo adoecida, Helena vai resistindo, tentando sustentar seu casamento ou salvá-lo. Mas, à medida que não encontra saídas e soluções para sua relação, em face do comportamento cada vez mais desajustado e violento do marido, a personagem vai ficando cada vez mais deprimida, debilitada e impotente, porque, como já dissemos, o ator António Claro a usa e a manipula.

Mas, em *O homem duplicado* como ocorre em tantos outros romances de Saramago, temos sempre exemplos de mulheres que funcionam como “seres de orientação, de apoio e de resistência” (SEIXO, 1986, p.49).É como aparecem Maria da Paz e Carolina, namorada e mãe de Tertuliano, respectivamente, que protegem, defendem, amam, aconselham o protagonista, cuidam dele e tentam tirá-lo da depressão, sem exigir muito em troca, como se pode notar nos trechos do romance abaixo.

(...) Há uma parte de ti que dorme desde que nasceste, e o meu medo que um dia destes sejas obrigado a acordar violentamente, O que a mãe tem é vocação para Cassandra (...) (SARAMAGO, 2002, p. 260).

(...) pobre mãe que bem me tinha avisado (...) (SARAMAGO, 2002, p. 301).

(...) A velha Cassandra tinha razão, não devias ter deixado entrar o cavalo de madeira, Agora já não há remédio (...) (SARAMAGO, 2002, p. 306).

(...) o que a mãe dissera, Oxalá ela ainda lá esteja quando tu acordares, e estas palavras ressoaram em sua mente como o último aviso de uma Cassandra já cansada de não ser ouvida (...) (SARAMAGO, 2002, p. 267).

Nos fragmentos anteriores, notamos que tanto o narrador como Tertuliano e o senso comum – e essa é uma das poucas coisas em que os três concordam – reconhecem a mãe de Tertuliano como exemplo de cuidado, desinteresse e amor incondicionais em relação ao filho. Mas de diferentes modos lamentam que ela nem sempre seja ouvida pelo filho e que nem sempre consiga o efeito desejado para a vida e o comportamento do filho, que segue destinos e faz escolhas bem diferentes das que a mãe aconselha e deseja como é de se esperar, afinal são sujeitos autônomos e independentes.

Em outras palavras, Carolina (Cassandra) não é quem conduz o filho, apenas aconselha e orienta, mas é ele quem toma suas decisões e escolhe seus rumos, sobretudo depois do encontro desestabilizador com seu duplo. A partir desse ponto-chave da obra, Tertuliano assume uma busca pela nova identidade mais adequada para aquele momento ou para aquela nova etapa de sua vida, tentando deixar para trás o professor de história abúlico que era no início da narrativa. Assim, a saída dessas diferentes situações de violência enfrentadas por Helena e por Tertuliano – seja institucional, simbólica, moral, psicológica e doméstica – proposta na obra de Saramago é romper com os valores impostos pela sociedade, deslocando as estruturas e processos de uma sociedade patriarcal e tradicional em busca do abalo do quadro de referência que ancora todo o mundo social.

Nesse sentido, a seguir abordamos a violência institucional, no capítulo subsequente a violência simbólica no romance e modos de subvertê-las na ficção.

4.2 Violência institucional: a escola e o trabalho de Tertuliano

A temática da violência e o modo como é representada na criação literária não é um assunto novo, mas acompanha o homem desde tempos imemoriais.

Entretanto, dadas algumas circunstâncias, determinados tipos de violência são mais abordados na contemporaneidade, pois se tornam mais evidentes e recorrentes na sociedade pós-moderna. Exemplo disso é a violência simbólica, arraigada a instituições e ao senso comum ou ao consenso, como lembra Bourdieu (1987, p. 146), que muitas vezes resulta em formas de violência autorizada/legitimada contra grupos minoritários (como imigrantes pobres, mulheres, negros...) praticadas por grupos no poder político-econômico. Em outras palavras, interesses de determinados grupos no poder (nações no poder, partidos políticos, empresários...) são normalizados, são tornados norma (lei e ordem), que exclui os outros grupos e até pune o descumpridor das ordens, marginalizando e, por vezes até, criminalizando os que discordem e reprimindo transformações da ordem. É o que ocorre quando Tertuliano tenta transformar o ensino de História, mas esbarra em currículos, diretrizes, burocracias, proibições vindas de superiores hierárquicos e até de pares, colegas de trabalho acostumados ou conformados às rotinas tradicionais de ensino e dispostos a reprimir mudanças, que podem implicar mais trabalho aos já explorados trabalhadores da educação.

Claro que os processos de violência e punição são “alterados” de acordo com a evolução sociocultural e com os interesses dos grupos que vão chegando ao poder em uma sociedade, como já vimos no capítulo sobre Vigiar e Punir de Foucault. O castigo que antes era mais físico torna-se mais simbólico e emocional. Até os processos educacionais sofrem essas mudanças para ordenar e adequar condutas e pensamentos ou docilizar corpos, através da ética, da moral, das regras e normas em vigor naquela sociedade. É nessa lógica que as instituições se constroem nas sociedades contemporâneas e na sociedade representada na obra de Saramago. Bourdieu (1987, p. 75) chama tal fenômeno de “asilo de ignorância”, na qual estes aparelhos constituídos pela sociedade estabelecem uma forma capaz de justificar a ordem estabelecida e tudo o que ocorre em função dela, através de argumentos nela fundamentados. Sobre isso, Bourdieu (1987) diz ainda que:

De fato, a propensão para a **visão teológica-política** que permite **censurar** ou louvar, condenar ou reabilitar imputando a vontades benéficas ou malignas as propriedades aprovadas ou reprovadas no passado, depende do grau em que o passado das instituições em causa é considerado como algo que está em jogo e como instrumento de luta, através dessas próprias instituições... (1987, p. 80).

A lógica interna de uma sociedade se constrói em torno de visões culturais (políticas, religiosas, econômicas...) que legitimam grupos no poder, condutas e atos, os quais se tornam consensuais ou parte de um senso comum. Mas, ainda que muitas vezes apareçam travestidos de verdades universais e inquestionáveis, são apenas reflexos de interesses de classes em conjunturas específicas. Não se trata de um processo imediato de transformação social para que as instituições estabeleçam a dominância sobre os indivíduos. Mas, de acordo com o trecho, trata-se de um processo histórico que determina as incumbências das instituições em censurar, controlar ou reabilitar os sujeitos, segundo moldes sociais adequados a cada cultura. E a instituição educacional, que o protagonista Tertuliano não conseguiu transformar, exerce papel fundamental nesse sistema cultural e no controle social, com todas as suas engrenagens: professores, alunos, currículos, conteúdos, materiais didáticos, avaliações, correções, reprovações e tantas outras burocracias e burocratas que dificultam as mudanças no sistema e o surgimento de agentes transformadores. Dificultam, mas não inviabilizam, é claro.

Dentro dessa perspectiva, antes de Bourdieu, Foucault (1987) já ressalta que a microfísica do poder exercido pelas instituições funciona através de estratégias de convencimento de que o sujeito ganha ao se enquadrar no sistema social e ao reproduzi-lo. Isto é, os sujeitos são moderados (em certo sentido até “guiados”) por elementos culturais e procedimentos sociais que consideram “normais” e, muitas vezes, agradáveis ou necessários mesmo, porque crescem inseridos nesse sistema cultural, comprometidos com ele e, persuadidos por sua sociedade, acostumam-se com ele. Mas, nem por isso, tal sistema cultural e suas instituições deixam de reproduzir hierarquias, perpetuar *status quo*, legitimar grupos no poder político, econômico, cultural, acadêmico... Aliás, até os movimentos de resistência e lutas por transformação desse sistema e das instituições, muitas vezes, apoiam-se no próprio sistema, como lembra Foucault:

O poder, por outro lado, não se aplica pura e simplesmente como uma obrigação ou uma proibição, aos que “não têm”; ele os investe, passa por eles e através deles; apoia-se neles, do mesmo modo que eles, em sua luta contra esse poder, apoiam-se por sua vez nos pontos em que ele os alcança (FOUCAULT, 1987, p.30).

Tertuliano, no início da narrativa, percebe-se preso às amarras da instituição escolar em que trabalha, mas parece buscar brechas nesse sistema que permitam-

lhe propor novos métodos de ensino-aprendizagem da História. Mas, ao se deparar com a resistência de colegas, diretores, alunos, currículos, burocracias e outras engrenagens da instituição, sofre um apagamento de sua motivação para o magistério, desanima/desiste de transformar seu ofício, conforma-se à rotina seguida pelos demais e passa a exercer a carreira profissional como a tradição. Ao início, Tertuliano pretende (sem muito sucesso) ensinar a História de trás para diante, fora dos moldes estabelecidos pelo Ministério da Educação, prestigiando a reflexão crítica sobre a história do presente, com vistas a transformá-lo. Esse anseio de Tertuliano é semelhante ao que Saramago realiza em sua obra, sobretudo na primeira fase de sua carreira, ao lançar o olhar para os menos favorecidos em sua literatura e ao dialogar com a História a fim de criticar aspectos do passado e do presente, além de destaca personagens esquecidos pela História oficial, desconstruir mitos, heróis e imagens ufanistas.

Pensamos que até a escolha de um professor de História desmotivado e insatisfeito, para protagonizar essa narrativa, seja uma forma de demonstrar a insatisfação com as metodologias de ensino da História e a insatisfação com a própria História oficial, divulgada em diversas sociedades como verdade inquestionável e protagonizadas por membros de elites no poder, silenciando sobre as histórias de vencidos e humildes. É o que se nota no trecho a seguir, quando vemos desaparecer a empolgação do jovem pesquisador da História crítica convertida na fadiga do professor burocrata, obrigado à rotina do ensino tradicional da disciplina:

[...] mas à doce História, a séria e educativa cadeira de História para cujo ensino o chamaram e que poderia ser seu embalador refúgio, vê-se a ele desde há muito tempo como uma fadiga sem sentido e um começo sem fim[...] (SARAMAGO, 2002, p.9-10).

Notamos no trecho a insatisfação com a escola, a frustração do profissional cerceado/reprimido e o poder institucional de conter transformações, de perpetuar rotinas, de impor burocracias e de conter reflexões críticas, voltando-se ao passado: “um começo sem fim”. Essa frustração profissional é um dos motivos para a inércia de Tertuliano diante da vida e para sua depressão, como vimos. No fragmento a seguir, exemplo de como o diretor, figura de poder na instituição educacional, e os colegas de trabalho impacientam-se ou reprimem as tentativas de transformar a

rotina educativa e as metodologias de ensino-aprendizagem: “os efeitos da perorata foram de sempre, suspiro de mal resignada paciência do diretor, trocas de olhares e murmúrios entre professores” (SARAMAGO, 2002, p.46). Nota-se que as ideias de transformação colocadas por Tertuliano são descartadas pelos seus colegas de profissão e principalmente pelo diretor, face representativa do poder. Essas são algumas das configurações da violência institucionalizada e recorrente na narrativa, pressões e assédios sofridos pelo professor de História, para que não se oponha à ordem institucional ou para que se acomode às rotinas estabelecidas e não as tente alterar, sugerindo novos trabalhos e novas reflexões aos professores e diretores já acomodados ou satisfeitos com a repetição da tradição.

Se o processo ensino-aprendizagem pode ser considerado como parte da formação do cidadão (membro do Estado) para a prática cotidiana da cidadania, para o exercício político, então que cidadão e que Estado se está a preparar na instituição onde atua Tertuliano? Cidadão atuante e transformador? Estado democrático e a serviço do interesse dos cidadãos? Essas são algumas das problematizações que podem ser levantadas a partir dessa instituição de trabalho, ensino-aprendizagem na obra de Saramago. De certo, a obra tece importantes críticas ao tipo de formação oferecida por escolas como a de Tertuliano e tece críticas a essa pedagogia nada libertadora e à proletarização dos intelectuais, mergulhados em rotinas de trabalho burocrático e avaliações quantitativas, que substituem o exercício crítico, a troca de ideias e o questionamento transformador que deveriam ser praticados nesses estabelecimentos.

Essa escola funciona como uma das engrenagens de um determinado sistema político e reforça um tipo de Estado. Para Foucault, o Estado é o conjunto dos elementos materiais e das técnicas que servem de armas, de reforço, de vias de comunicação e de pontos de apoio para as relações de poder e de saber que investem os corpos humanos e os submetem fazendo deles objetos de saber. Nessa perspectiva, o diretor e tantos colegas de Tertuliano funcionam como membros deste “corpo”, que atuam na manutenção das relações de poder na escola e na sociedade. Assim, o poder não apresenta apenas um rosto, mas sim múltiplas faces e a violência empregada para a manutenção do *status quo* e das relações de poder não possui somente um representante, todavia se representa de diversas formas na sociedade.

No decorrer da narrativa, depois de tentar sem sucesso alterar a cultura

institucional, a mentalidade dos colegas de trabalho e as metodologias de trabalho, ensino e aprendizagem, Tertuliano desiste da escola e passa a investigar outros assuntos, no caso o seu duplo. Ao interromper e se retirar de outra reunião pedagógica, o professor de História se mostra não mais interessado nos debates sobre a educação e as rotinas escolares, mas desvia sua ambição para assunto pessoal, ou seja, investigar o seu duplo, o ator António Claro:

Tertuliano Máximo Afonso respondeu que não senhor, não é um comentário nem se reporta às pertinentes considerações do prezado colega, que sim senhor, conhece e sempre acatou as normas, tanto as que estão em uso como as que caíram em desuso, o que simplesmente pretendia era pedir licença para se retirar por ter assuntos urgentes a tratar fora da escola (SARAMAGO, 2002, p.127).

Nesse momento da narrativa, os colegas e o diretor não gesticulam com desprezo pela fala do professor, nem o repreendem, mas aceitam sua retirada da reunião. O que importa a esses membros da comunidade escolar e a esse representante do poder na escola (metáfora do Estado?) é eliminar as críticas e contrariedades que poderiam perturbar a ordem/rotina e encaminhar outros a saírem dos moldes seguidos na instituição. Para Tertuliano importa romper com a identidade de professor passivo. Como não consegue romper com essa identidade no ambiente de trabalho escolar, acaba direcionando-se para fora dos muros da escola e passa a investigar o antagonista António Claro.

Enquanto Tertuliano não consegue romper com as amarras sociais e institucionais, o seu duplo António Claro não se subordina a muitas instituições, nem ao casamento, que mantém por conveniência, mas que também negligencia para viver aventuras. António Claro mantém a esposa ocupada nos afazeres do lar e trama o encontro com Maria da Paz (namorada de Tertuliano) para humilhar o professor, aproveitar-se da situação e das personagens envolvidas. O narrador, no fragmento a seguir, demonstra como esse ator é volúvel, dissimulado, calculista e por vezes vaidoso e narcisista, buscando levar vantagem em seus relacionamentos e feitos:

(...) os actores de cinema, e de teatro também, quase não fazemos mais que despir-nos, Não sou actor, Não se dispa, se não quiser, mas eu vou fazê-lo, não me custa nada, estou mais do que habituado, e, se a igualdade se repetir no corpo todo, você estará a ver-se a si mesmo quando me olhar a mim, disse António Claro. Despiu a camisa num só movimento, descalçou e tirou as calças, depois a roupa interior, finalmente as meias. Estava nu da

cabeça aos pés e era, da cabeça aos pés, Tertuliano Máximo Afonso, professor de História. Então Tertuliano Máximo Afonso pensou que não podia ficar atrás, que tinha que aceitar o repto, levantou-se do sofá e começou também a despir-se, mais contido nos gestos por causa do pudor, mas, quando terminou, um pouco encolhida a figura devido ao acanhamento, tinha-se tornado em Daniel Santa-Clara, actor de cinema, com a única excepção visível dos pés, porque não chegara a descalçar as peúgas. Olharam-se em silêncio, (...) O primeiro a acabar de vestir-se foi Tertuliano Máximo Afonso (SARAMAGO, 2002, p. 217).

Ainda que fisicamente sejam quase idênticos, são opostos nas atitudes e posturas, mostrando-se esse ator altivo, agressivo e egocêntrico. Enquanto isso, Tertuliano parece tímido, hesitante, encolhido e reprimido, apesar do nome superlativo de rei: Máximo Afonso.

Segundo Benjamim (1985, p. 11) “o ator que representa no palco, identifica-se frequentemente com um papel” e a sua atuação não é, de modo nenhum, um trabalho único, mas sim o resultado de várias intervenções. António Claro em sua atuação diante de Tertuliano depende da resposta do público, no caso, o professor que subsidia suas ações futuras. António Claro é observador das atitudes de Tertuliano e as usa ou se aproveita delas em suas “cenas”, do mesmo modo como atua também em sua relação com a esposa Helena:

(...) E está disposto, pela sua parte, a arriscar-se, Mais que disposto, Sem mentir, Espero que não seja necessário, respondeu António Claro com um sorriso estudado, uma composição plástica de lábios e dentes onde, em doses idênticas indiscerníveis, se reuniam a franqueza e a maldade, a inocência e o descaro (SARAMAGO, 2002, p. 219).

(...) imagine, só como um exemplo, que eu ia daqui dizer à sua amiga Maria da Paz que você, Tertuliano Máximo Afonso, e eu, António Claro, somos iguais iguaizinhos em tudo, até no tamanho do pénis, pense no choque que sofreria a pobre senhora, Proíbo-lhe que o faça (...) Você está doído, que diabólica trama é esta, que pretende, Quer que lhe diga, Exijo-o, Pretendo passar esta noite com ela, nada mais. Tertuliano Máximo Afonso levantou-se de rompante e avançou para António Claro de punhos cerrados, (...) (SARAMAGO, 2002, p.275-277).

Nos dois exemplos, vemos o ator chantageando, manipulando e se aproveitando impiedosamente daqueles que estão à sua volta. Por outro lado, Tertuliano – até então abúlico e extremamente resignado diante dos fracassos na tentativa de alterar as rotinas escolares, pacato diante de Maria da Paz e diante da mãe, como vimos – esboça suas primeiras tentativas de revide, ataque e emite rompantes mais agressivos.

Em oposição a essas relações destrutivas e violentas, que se pautam em

interesses materiais, disputas de poder e exploração ao próximo, há relações baseadas no afeto construtivo e no cuidado, que Tertuliano recebe de figuras femininas como a mãe Carolina, a namorada Maria da Paz e até a vizinha. Além dessas, a relação de Tertuliano com o professor de matemática também pode ser considerada uma expressão do cuidado, em certo sentido, como se pode notar no trecho abaixo:

Não é para me meter na sua vida, dissera o de matemática enquanto descascava uma laranja, mas há uns tempos a esta parte encontro-o a modo que abatido, e Tertuliano Máximo Afonso confirmou, É verdade, tenho andado um pouco em baixo, Problemas de saúde, Não creio, tento quanto posso saber não estou doente, o que sucede é que tudo me cansa e aborrece, esta maldita rotina, foi sempre o melhor remédio, Dê-me licença que lhe diga que distrair-se é o remédio de quem não precisa dele, Boa resposta, não há dúvida, no entanto alguma coisa terá que fazer para sair do marasmo em que se encontra (SARAMAGO, 2002, p.12-13).

O professor de matemática dialoga com o colega, desinteressado e cuidadosamente, aconselhando-o, tentando conscientizá-lo da necessidade de reagir à depressão, de buscar tratamento ou remédio. E acaba sendo no filme alugado por recomendação do colega que Tertuliano encontra o ator, seu duplo, que inquieta o protagonista e lhe desafia, quebra sua rotina e muda sua vida.

Face a esta situação de falta de cuidado, muitos se rebelam. Fazem da sua prática e de sua fala permanente contestação. Mas sozinhos sentem-se impotentes para apresentar uma saída libertadora. Perderam a esperança. (Boff, 2017, p.8)

O professor de História já havia perdido a esperança, após sozinho tentar transformar a pedagogia tradicional empregada na instituição educacional em que atuava, por isso sentia-se deprimido, solitário, desmotivado. Neste contexto de desesperança, surge o professor de matemática para incentivá-lo a buscar novas aventuras, novos estímulos. Ainda que não o ajude a transformar o contexto conservador em que ambos se encontram profissionalmente, o professor de matemática dedica um tempo e algumas palavras construtivas ao colega e contribui para tirá-lo da resignação abúlica e destrutiva.

Assim, vemos, na obra de Saramago, críticas à escola, que deveria ser o lugar do cuidado por excelência, um celeiro do crescimento profissional e pessoal, local de libertação e exercício da consciência crítica. Mas, ao invés disso, a escola

se apresenta na obra como espaço repressor de ideias progressistas, domador de transgressores e perpetuador do *status quo*. Por isso, no trabalho, na escola, Tertuliano perde a vontade de mudança que possuía, sofre assédios e é reprimido por criticar e propor mudanças. Mas, por outro lado, também neste ambiente encontra o zelo desinteressado do professor de matemática, que o incentiva a buscar novos caminhos para uma vida saudável.

Após essas considerações sobre as relações de poder, a opressão, as relações profissionais, a burocracia e a violência institucional, presentes em estabelecimentos de trabalho, ensino e aprendizagem na narrativa saramaguiana, abordaremos a seguir a intimidade das relações, algumas formas de violência doméstica em *O homem duplicado* e também algumas expressões do cuidado na obra.

4.3 Os clichês em *O homem duplicado*: violência simbólica e desconstrução libertadora

Os clichês, chavões e frases feitas, largamente exploradas em *O homem duplicado*, são produtos culturais na área da linguagem ou enunciados com forte poder simbólico, que reproduzem preconceitos, padrões de comportamento, tradições, enfim o senso-comum. Ao citar Roland Barthes, a professora Eloísa Porto Corrêa A. Braem (2005, p.51) define o senso comum – conjunto de clichês, chavões, frases feitas e outras fórmulas do conhecimento comum – como “uma caricatura de sabedoria castradora, uma repetição morta”.

Dentro dessa perspectiva, alguns aspectos do mundo social podem aparecer como crenças inquestionáveis, como se sua existência fosse de ordem natural e não uma construção histórico-cultural. A legitimação desses padrões instituídos pode ser definida como poder simbólico, sintetizado por Pierre Bourdieu (2007b) da seguinte forma:

O poder simbólico como poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, desse modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo, poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica) graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for

reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos <<sistemas simbólicos>> em forma de uma <<illocutionary force>> mas que se define numa relação determinada e por meio desta entre os que exercem o poder e os que lhe são sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras (BOURDIEU, 2007b, p.14-15).

Depreende-se desse conceito que o poder simbólico desses enunciados é revelado à sociedade por meio da instituição de uma ordem social que legitima suas significações, via os esquemas dispostos aos atos de respeitar, admirar, amar entre outros referentes ao sujeito.

Essa leitura da realidade e a legitimação dos padrões de comportamento a ela correspondentes não demandam o emprego da violência física ou de qualquer artifício que consuma energia física. Ao invés disso, trata-se de um trabalho no plano do sentido e do conhecimento, objetivando a dissimulação e a transfiguração das relações de força, de modo tal que os sujeitos passam a ignorar a violência exercida por esses enunciados e instituições, no sentido de não as questionarem e nem sequer as reconhecerem, muitas vezes (BOURDIEU, 2000; 2003).

Além disso, o poder simbólico é exercido com a cooperação e convivência daqueles sujeitos que lhe são subordinados, quase sempre. Isso porque os elementos simbólicos uma vez constituídos em uma cultura são concebidos como bom senso e guiam o *status quo*, passando a integrar moralmente os indivíduos que compartilham aquela cultura e possibilitando a construção e reprodução de consensos acerca da ordem social.

Ao utilizar subterfúgios, o poder simbólico viabiliza e legitima também o exercício de outras formas de poder, desde que o corroborem ao nele se amparem (BOURDIEU, 2000; 2003). Isto é, dito de outro modo, nas palavras do próprio estudioso, “dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, ou seja, propriamente simbólica, às suas relações de força” (BOURDIEU, 1975, p. 19).

Em decorrência do exercício do poder simbólico, temos a violência simbólica, a qual se estabelece “[...] por meio de um ato de cognição e de mau reconhecimento que fica além - ou aquém - do controle de consciência e da vontade, nas trevas dos esquemas de *habitus* que são ao mesmo tempo gerados e gerantes” (BOURDIEU, 1998, p. 22-23). Para definir, sintaticamente, a violência simbólica, tomaremos como

base a pesquisa de Rosa (2007), que diz:

A violência simbólica representa uma forma de violência invisível que se impõe numa relação do tipo subjugação-submissão, cujo reconhecimento e a cumplicidade fazem dela uma violência silenciosa que se manifesta sutilmente nas relações sociais e resulta de uma dominação cuja inscrição é produzida num estado tóxico das coisas, em que a realidade e algumas de suas nuances são vividas como naturais e evidentes. Por depender da cumplicidade de quem a sofre, sugere-se que o dominado conspira e confere uma traição a si mesmo. (ROSA, 2007, p.40),

Observa-se que, apesar de a dominação dessa violência estar vinculada a um âmbito simbólico, tal conceito não desconsidera as manifestações reais da violência e do poder, como em situações nas quais pessoas são “espancadas, violentadas, exploradas”, mas na visualização subjetiva das relações de dominação (BOURDIEU, 2003, p.43).

De acordo com as ideias de Bourdieu, a violência simbólica é:

Violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância do sentimento. (BOURDIEU, 2003, p.7- 8)

Esse sistema de dominação, marcado pela violência simbólica e difusor de interesses das classes hegemônicas, se institucionaliza e se reproduz pela construção sócio-histórica da desigualdade e da exclusão dos dominados, por meio dos aparelhos, tais como a Igreja, Família, Escola e o Estado.

A Igreja cumpre o papel de defender a moral da família determinada por valores patriarcais e molda as estruturas sociais a partir dos simbolismos presentes nos textos sagrados, imagens e da liturgia em espaços religiosos, para citar um exemplo que é explorado na obra de Saramago, mas não muito em *O homem duplicado* (2002). A Família determina a reprodução social dos modelos apreendidos na Igreja e em outras instituições sociais, fundando de modo duradouro e persistente sentimentos na realidade social. Já a Escola difunde e corrobora o hábito de relações de poder simbólico entre os grupos e classes, perpetuando classes dominadas e legitimando o poder de determinadas classes dominantes. Como principal responsável pelo estabelecimento de categorias oficiais, o Estado organiza e reforça os lugares dos sujeitos, utilizando-se de meios, materiais e simbólicos que

garantam o conformismo moral. Isso é o que Bourdieu caracteriza como “adesão às maneiras de compreender e construir o mundo em consonância com os interesses dominantes” (BOURDIEU, 1975; 1996; BONNEWITZ, 2003).

A sociedade é a estrutura e organização (muitas vezes hierarquizada) das diferenças, fundamentada na objetividade e no interesse de classes, por meio da valorização e legitimação de certas formas de poder ou capital.

Bourdieu (1996) ensina que:

O efeito de imposição é realizado, através de sua própria existência, por aqueles que apenas têm de ser o que são para serem o que devem ser. Esta coincidência perfeita é a própria definição da naturalidade que, por outro lado, confirma a coincidência do ser, assim como poder de auto afirmação contido em seu bojo”(BOURDIEU, 2007a, p.238-239).

Ao vislumbrar sobre a violência simbólica depreendemos que tal mecanismo se refere ao arrolamento do sujeito em uma realidade que o constrange, mesmo que de modo sutil e imperceptível, a se enquadrar em certas predisposições, percebidas como condições sociais. No que tange a representação desta violência na narrativa de Saramago, observa-se que Tertuliano, a todo momento é cercado desses instrumentos de controle, mencionados na obra de Foucault. Na escola onde Tertuliano trabalha, por exemplo, como acabamos de ver, o poder simbólico se manifesta através de consensos entre os profissionais de educação sobre o modo como se comportar e como ministrar aulas, preparar atividades e seguir determinações curriculares e metodologias de ensino-aprendizagem herdadas da tradição. Exemplos desse poder simbólico são os consensos perturbados pelo professor Tertuliano que pretende alterar o modo de ensinar-aprender História, mas que é coibido a desistir da ousadia e a se enquadrar nos ditames escolares, na cultura escolar, por pressões vindas dos membros da comunidade escolar, por diretrizes curriculares e por autoridades educacionais no romance.

Além disso, podemos destacar o modo como a violência simbólica se apresenta, na narrativa de Saramago, através dos “chavões”, clichês e frases feitas. Essas fórmulas de conhecimento popular consagrado, que compõe sentidos comuns e guiam consensos, muitas vezes, são usados por diferentes personagens para passar conselhos, advertências ou recomendações, como formas de exercer um sutil controle. Tais fórmulas e conselhos desagradam a Tertuliano e a todo momento são criticadas e desconstruídas pelo narrador da obra, como vemos nos trechos a

seguir:

Tertuliano Máximo Afonso, com brio digno de apreço, esforça-se por não deixar transparecer o **desgosto** que lhe tinha causado a gratuita denúncia do empregado da loja, mas não pode impedir-se de dizer consigo mesmo, embora recriminando-se pela baixa **injustiça** do pensamento, que a culpa era do colega, da mania que certas pessoas têm de dar **conselhos** sem que lhos tivessem pedido (SARAMAGO, 2002, p.11, grifos nossos).

Logo nas primeiras páginas do romance, o narrador mostra o incômodo de Tertuliano diante dos padrões exigidos, ditames e controles sociais, muitas vezes exercidos por diferentes personagens através de conselhos e sentidos comuns.

Esses ditames aparecem na obra *O homem duplicado* (2002) como “domadores” das ações de Tertuliano, em busca de reiterar e perpetuar o *status quo*, mas no decorrer da narrativa o protagonista se rebela contra tal sistema de controle. O poder de persuasão desse sistema de controle que é o senso comum, manejado pelos atores sociais e internalizado pelos sujeitos, através de padrões morais e normas de conduta, pode ser notado no fragmento a seguir:

(...) o senso comum de Tertuliano Máximo Afonso compareceu finalmente a dar-lhe o conselho cuja falta mais se vinha notando desde o aparecimento do empregado da recepção no televisor, e foi esse conselho o seguinte, Se achas que deves pedir uma explicação ao teu colega, pede-a de uma vez, sempre será melhor que andares por aí com a garganta atravessada de interrogações e dúvidas, recomendo-te em todo o caso que não abras demasiado a boca, que vigies as tuas palavras, tens uma batata quente nas mãos, larga-a se não queres que te queime, devolve o vídeo à loja hoje mesmo, põe uma pedra sobre o assunto e acaba com o mistério antes que ele comece a deitar cá para fora coisas que preferias não saber, ou ver, ou fazer (...) (SARAMAGO, 2002, p. 31).

É notório no trecho anterior que o senso-comum é o aconselhador ou repressor de Tertuliano, a voz da correção, da norma-padrão social introjetada, uma espécie de Superego (na designação psicanalítica) que transparece por vezes em forma de “chavões”, clichês, padrões e tradições. Por vezes emerge da própria consciência do sujeito, outras vezes surge em forma de cobrança emitida por outras personagens, como os colegas de trabalho do protagonista. Esses mecanismos de poder simbólico, muitas vezes, veiculam violência simbólica ou resultam em formas de violência na sociedade contemporânea ficcional. O narrador da obra critica o poder repressor do senso comum e a violência simbólica explorada por instituições sociais como a escola e a família, em vários momentos da narrativa, vistos ora como

punitivos, estereotipados e padronizadores dos comportamentos humanos, ora como saberes válidos e necessários ao ordenamento social:

Às vezes é a única maneira de evitar males maiores, não o faças e já sabes o que sucederá, depois de uma palavra virá outra, depois do primeiro encontro haverá segundo e terceiro, às duas por três estarás a contar a tua vida a um desconhecido, já viveste anos bastantes para ter **aprendido que com desconhecido e estranhos todo cuidado é pouco** quando se trata de questões pessoais(...) (SARAMAGO, 2002, p.31, grifos nossos).

O senso-comum é o problematizador das questões que circundam Tertuliano, a todo momento, contesta e limita as ações do protagonista. Quando o senso-comum se apresenta, ávido por perpetuar o *status quo*, tende a questionar o encontro com o duplo e manter o professor inerte e temeroso. Porém, se por um lado o senso comum aparece como bom conselheiro algumas vezes, por outras o narrador o critica e o próprio Tertuliano passa a discordar do senso-comum e dos modelos, desconstruindo clichês e transgredindo paradigmas sociais gradativamente na obra. O desenvolvimento do pensamento crítico da personagem se fará quando o professor romper com a fala do senso-comum e com as tradições que perpetua, fato que possibilitará ao protagonista a transgressão à sua rotina:

Tertuliano caminhará sozinho porque pelas sendas do desconhecido, do risco, da novidade, o senso comum não caminha (“aí dentro não há lugar para mim”): (...) O elevador parou no quinto andar, Tertuliano Máximo Afonso perguntou, Vens comigo, Sou o senso comum, aí dentro não há lugar para mim, Então até a vista, Duvido.” (SARAMAGO, 2002, p. 286).

Quanto mais Tertuliano transgride e desafia o senso-comum, mas assume o controle das suas ações, mudando suas rotinas e transformando seu destino. Assim rompe com tradições, padrões, “clichês” e escapa de uma parte da manipulação exercida sobre si pelas instituições (escola, família e sociedade) e seus atores sociais, mesmo que passe a sofrer outras formas de pressão e violência, a partir dos assédios de António Claro e dos novos desafios que passa a enfrentar. Ao menos, rompe com os mecanismos de subjugação anteriores que o deprimiam e o imobilizavam até então em sua carreira profissional na escola e até em sua vida particular.

Em exemplos como o seguinte fica evidente esta contestação do senso-comum por parte do narrador, que critica também a acomodação do protagonista Tertuliano até então. O senso comum é visto pelo narrador como perpetuador,

conservador, mantenedor de comportamentos padronizados e de rotinas, formador de indivíduos acomodados a uma vida padrão. Nesse sentido, o senso-comum seria um mecanismo cultural semelhante, em certo sentido, ao instinto de sobrevivência, também conservador e perpetuado, segundo o narrador:

O instinto de sobrevivência, também disso se trata quando da cidade falamos, vale tanto para os animais como para inanimais (...) Tertuliano Máximo Afonso, apesar de ensinar História, nunca percebeu que tudo que é animal está destinado a tornar-se inanimal e que, por muito grandes que sejam os nomes e os feitos que os seres humanos tenham deixado inscritos nas suas páginas, é do inanimal que viemos e é para o inanimal que nos encaminhamos (SARAMAGO, 2002, p.71).

O instinto de sobrevivência e o senso-comum se mostram mecanismo de conservação, de perpetuação da vida, portanto, ainda que bem distintos obviamente por ser o primeiro proveniente da natureza e o segundo proveniente da cultura, o primeiro mantenedor da vida natural e o segundo perpetuador da tradição na vida sócio-cultural.

Tertuliano só muda de vida e só encontra incentivo para a atuação social, quando passa a questionar e desafiar o senso-comum com seus limites e padrões de atuação socioculturais. Aliás, nesse momento de transgressão aos padrões, Tertuliano, por vezes, desafia até o instinto de sobrevivência, como quando enfim aceita o confronto e o desafio do violento António Claro, indo passar a noite no apartamento do rival com a esposa do ator. Nesse instante, deixa de obedecer e passa a decidir e a se arriscar.

Portanto, o Tertuliano abúlico das primeiras páginas do livro, controlado e violentado pelas instituições, vê-se em novas sensações, que levam nosso professor a repensar suas atitudes e buscar novos caminhos para livrar-se das “celas” de sua vida: apartamento, trabalho, escola, família... As dominações e imposições anteriores já não mais o restringem, ainda que novos desafios a ele se apresentem e outras formas de violência passem a atingi-lo. Tertuliano transforma-se em dono de sua vontade e arriscar de seu destino até as páginas finais, quando se depara com outra situação que pode novamente revolucionar sua vida.

CONCLUSÕES

Obras da literatura portuguesa como as de Saramago desempenham o papel de dialogar com a sociedade em que se inserem sobre suas principais problemáticas sociopolíticas, atuais e passadas. A proposta de Saramago é (des)construir paradigmas e (re)contar a história do ponto de vista dos oprimidos, dos mais vulneráveis e dos mais humildes, a quem dá voz ficcionalmente, a quem busca representar, preenchendo lacunas da história tradicional. Com isso, contesta os domínios da verdade e critica ou problematiza a constituição da identidade heroica lusíada, historicamente construída.

Além disso, assumindo uma perspectiva marxista, critica as estruturas de poder e as complexas disputas de classes e grupos sociais, problematizando interesses e relações (inclusive econômicas) que desfavorecem uma massa de humildes, excluídos das benesses sociais e, muitas vezes, das decisões políticas nessa sociedade. Claro que essas problemáticas foram debatidas por tantas outras literaturas contemporâneas e anteriores a Saramago, como as obras neorrealistas que influenciaram, em certa medida, a escrita saramaguiana.

Trata-se de uma literatura ciente de que a obra literária não muda o mundo, mas pode contribuir para (re)pensá-lo criticamente e pode contribuir no processo de conscientização de uma parte dos cidadãos (os leitores da obra literária), o que é um primeiro passo importante no processo de transformação social. Em outras palavras, a arte não muda o mundo, porém provoca mudanças nos sujeitos, a partir da reflexão crítica, como nos diz Saramago em entrevista ao programa *Roda Viva*. Na maior parte das vezes, trata-se de uma literatura que pretendia criar mais questionamentos do que respostas.

Quando escolhemos a violência – elemento tão significativo em qualquer sociedade de qualquer tempo, mas que assume configurações tão particulares em cada época e tem suas próprias manifestações na contemporaneidade – objeto de estudo da sociologia e também da literatura, pretendíamos nos ocupar das diferentes formas de representação da violência na narrativa ficcional de Saramago. Com isso, evidenciamos que, nas sociedades passadas, mas sobretudo nas contemporâneas, há formas de violência complexas (como a simbólica) em que não existe um único agente específico, mas grupos ou interesses já conhecidos e, por

vezes, encarados como naturais pelo senso comum de uma sociedade. É o caso das formas da violência exercidas pelas instituições e pelas várias simbologias sociais, que muitas vezes operam em prol de manutenção do *status quo* e contribuem para que determinados grupos se mantenham no poder.

No entanto, mesmo abordando a sociedade contemporânea de consumo, não se descarta uma busca pela esperança de solução para alguns dos problemas apresentados nas obras, marca registrada de Saramago. Entre essas propostas de saída, há uma recorrente aposta numa convivência mais comunitária entre as personagens, na solidariedade e no cuidado, ainda que tão escassos nas sociedades contemporâneas, mas também ou principalmente a aposta em uma liderança feminina, como alternativa à tradição patriarcal e belicosa. É o que se viu expresso no cuidado maternal de Carolina, Maria da Paz, da vizinha de Tertuliano e até na preocupação desinteressada do professor de matemática em relação à saúde do colega Tertuliano. Esses comportamentos contrariam o individualismo e o descuido em relação ao próximo tão recorrentes nos comportamentos de outros personagens dessa sociedade de consumo focalizada no romance de Saramago. O olhar mais atento para o próximo vindos dessas personagens cuidadosas ajudam a transpor as barreiras do descaso que permeiam essa civilização ficcional em que habitam.

Tertuliano antes uma criatura abúlica, desinteressada do trabalho e da vida, quando contraria o senso comum, desobedece às convenções, as burocracias e se desliga de instituições, desprende-se das “celas invisíveis” (as quais representam o individualismo, a solidão e a depressão) que o detinham, só então ele volta a se interessar pela vida. Neste momento, Tertuliano assume uma identidade que lhe possibilita recomeçar e os “grilhões” do senso comum não lhe amarram mais.

É possível identificarmos em Tertuliano o amadurecimento através das experiências com seu duplo. António Claro (mesmo que de forma destrutiva e egocêntrica) foi um grande motivador das ações na trajetória do professor, a quem tira do marasmo e da abulia. Mesmo que o antagonista não tenha percebido, Tertuliano também foi um agente modificador da sua vida, tirando-o também da sua zona de conforto. A disputa lhes desafiou, motivou a reinventarem-se e a os transformou.

A violência apresentada na narrativa nem sempre partia de um rosto agressor específico, porque nem sempre se tratava de agressão física, psicológica ou moral.

Muitas vezes, a violência deriva na obra de algo mais amplo, emanando de estruturas de poder e de instituições. A violência institucional pode ser representada pela Escola – pela organização institucional, pela rotina trabalhista, pelas conjunturas consolidadas – com seus currículos, livros didáticos, protocolos, diários, hierarquias e tantos outros elementos dos quais emanam comandos e os quais contribuem para perpetuar suas estruturas e institutos ao longo do tempo.

Entretanto, a violência doméstica também está demarcada por figuras como António Claro, exercendo seu poder patriarcal e machista sobre a esposa Helena ou tentando exercer poder sobre a namorada de Tertuliano, Maria da Paz, a quem engana, manipula, usa e assedia. Helena é uma mulher reclusa, enclausurada na “cela invisível” do lar e do seu casamento infeliz, vítima de violência praticada por António Claro, que assedia e humilha a mulher.

Por fim, em todos esses ambientes e relações e discursos, manifesta-se a violência simbólica, seja nas frases feitas, clichês e conselhos do senso-comum, seja no machismo que perpassa os discursos e ações de António Claro e outros personagens. Também no controle instituído no banco onde Maria da Paz trabalha, no convívio com familiares, colegas de trabalho e outros personagens aparecem formas de violência simbólica na narrativa, muitas vezes naturalizadas e não percebidas, muito menos questionadas pelos personagens.

Com isso, Saramago propõe questionamentos sobre a História, não especificamente a História de seu país, como tantas vezes problematizou em tantas obras anteriores, mas a História do Ocidente e, por vezes, a da humanidade. Problematizam as regras de convívio social, a moral cristã, a condição do sujeito contemporâneo, o individualismo contemporâneo e até a perda de identidade em um mundo que cobra dos sujeitos comportamentos tão diferentes de um ambiente para o outro. Ao indagar essa História universalizada, a narrativa convida a tentar viver de outros modos, a sair da zona de conforto, a problematizar nossa própria existência e a sociedade de consumo que integramos. São indagações ontológicas que poderiam suscitar críticas a elementos presentes em tantas sociedades contemporâneas, de tantos diferentes países. Nesse sentido, a obra não se amarra a fronteiras, como a globalização que derruba fronteiras e avança promovendo trocas culturais entre tantos povos em regiões tão distintas.

Ao estabelecermos o diálogo com a obra *Vigiar e Punir*, de Foucault, buscou compreender como a violência e os elementos punitivos se construíram na História,

até os tempos atuais, ajudando a entender como e porque se constituíram os contemporâneos sistemas de punição e controle. Avaliamos os poderes disciplinadores que se ocuparam em reprimir sujeitos por um longo tempo e que ainda se fazem presentes nas sociedades contemporâneas. Até a casa de Tertuliano lembra uma cela, citada por Foucault em sua obra. A disciplina e a rotina (trabalhista, escolar, doméstica, religiosa...) regrada e cronometrada são formas de controle e vigília constante dos sujeitos.

Assim, o encontro cotidiano de um indivíduo com o(s) outros(s), seu(s) duplo(s), pode ser a conformação à rotina – como o de Tertuliano com seus colegas professores, por exemplo – mas pode promover choque e transformações – como o embate de Tertuliano com seu antagonista António Claro. Tal encontro provoca nas narrativas modificações negativas e traumas, a partir das várias formas de violência que praticam um contra o outro, mas acaba também provocando desacomodações, aprendizagens, e reinvenções de papéis sociais. Nesta pesquisa as consequências da violência são vistas nas atitudes das personagens, como agente modificador de suas trajetórias, ao mesmo tempo em que o zelo e o cuidado aparecem como produtores de outras modificações, ainda que não tenham desacomodado Tertuliano, talvez até o tenham mantido autopiedoso, conformado.

Ao percebermos que muitas Instituições na obra, e mais surpreendentemente, até a Escola ficcional não dissemina o pensamento crítico ou fomenta a desacomodação e o empoderamento dos sujeitos, mas opera pela manutenção do *status quo* e das ações repetitivas de Tertuliano, deprimindo-o, resignando-o, identificamos algumas das quase imperceptíveis/naturalizadas formas da violência neste mundo contemporâneo, que levam o protagonista à insatisfação no trabalho e ao desestímulo para o trabalho, o lazer e várias outras atividades sociais. É notório que não só a Escola na vida de Tertuliano, mas a empresa de filmagem que contrata António Claro, o banco em que atua Maria da Paz, o condomínio onde mora Helena, também contribuem/exercem essa conformação/ perpetuação ao *status quo*, aos papéis sociais estabelecidos.

Então, quando o ator de papéis secundários e de menor expressividade, António Claro (e também o Tertuliano abúlico depois), percebe que poderia ser o protagonista da história vivida pelo outro, pelo seu duplo, empenha estratégias, planos, cálculo, manipulação (e até violência, no caso do ator António Claro) para assumir o papel principal (do seu duplo).

Enfim, são representações ficcionais das relações humanas, das sociedades contemporâneas e do que os sujeitos são capazes de fazer uns com os outros, em buscas egoístas que podem desalentar observadores ou em demandas mais cuidadosas e construtivas, que redimem, alentam e dão alguma esperança de transformação da sociedade.

REFERÊNCIAS

APAV (Associação portuguesa de apoio à vítima), boletim informativo sobre violência doméstica, Portugal, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal –estar da Pós- modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BENJAMIN, Walter. “*A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*”. In: *Magia e técnica, arte e política*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *Sobre o conceito de história*. In: *Magia e técnica, arte e política*. *Magia e técnica, arte e política*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BICALLHO, Renata. *Violência Simbólica: uma leitura a partir da Teoria Crítica Frankfurtiana*. II Encontro de Gestão de pessoas e relações de trabalho. Curitiba, 2009.

BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2007.p.238-239.

_____. *A dominação Masculina*. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 2003.

_____. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

_____. *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil; Lisboa: Difel. 1989.

_____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 9.ed. Campinas: Papyrus, 1996.

BOURDIEU, Pierre; EAGLETON, Terry. *A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2007.

BOOF, Leonardo, *Saber Cuidar Ética do humano - compaixão pela terra*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

CABALLO, V. E. (1996). O treinamento em habilidades sociais. In: CABALLO, V. E. (org.). *Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento*. São Paulo: Santos Livraria Editora. pp. 3-42.

CALEGARI, Lizandro Carlos. O apagamento da História como estratégia de controle social: uma leitura de Quatro- olhos, de Renato Pompeu. In: Dossiê: Linguagem, Literatura e autoritarismo. *Revista Línguas e Letras*, Unioeste, 2005.

CERDEIRA, Teresa Cristina. *O avesso do bordado: Ensaio de Literatura*. Lisboa: Editorial Caminho, 2000. p.197

CORRÊA, Eloísa Porto. *A demanda da identidade através do espelho: uma leitura de O homem duplicado de José Saramago*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

DUARTE, Lélia Maria Parreira; MALARD, Letícia; MIRANDA, Wander Melo. *José Saramago, tecedor de história*. In: Boletim do Centro de Estudos portugueses. Belo Horizonte: UFMG, v. 9/10, n.12, jul.1986/ e dez.1988p. 90-100

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: Nascimento da prisão I e II*. Petrópolis: Vozes, 2013.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernos*. Rio de Janeiro, Record, 2001, p.16.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. 35.ed. Rio de Janeiro: Cultrix, 2008.

MOREIRA, Maria Ignez Costa, SOUSA, Sônia Margarida Gomes. *Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: do espaço privado à cena pública*. O social em questão, ano XV, nº 28, 2012, p.13-26.

NEVES, Margarida Braga. "Nexos, temas e obsessões" na ficção breve de José Saramago. *Revista Colóquio Letras*. Lisboa, n. 151/152, p117- 141, jan./jul.1999.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

_____. *História da literatura portuguesa- O realismo e O naturalismo*. Vol.5. Direção Carlos Reis.publicações alfa. Lisboa, 2001.

_____. *Literatura portuguesa moderna e contemporânea*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

_____. *Diálogos com Saramago*. Lisboa. Editorial Caminho, 1998.

ROSA, A. R.(O) *Braço forte, (a) mão amiga: um estudo sobre a dominação masculina e a violência simbólica em uma organização militar*. Lavras: UFLA, 2007.

SARAIVA, José. *História da literatura portuguesa*. Europa America, 1970.

SARAMAGO, José. *A caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. Lisboa: Caminho, 1995.

_____. *O homem duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Levantado do Chão*. Lisboa: Caminho, 1980.

_____. *Memorial do Convento*. Lisboa: Caminho, 1982.

SEIXO, Maria Alzira. *O essencial sobre JOSÉ SARAMAGO*. Porto: HCM, 1986.

SILVA, A.C.L.G.; COELHO, E.B.S.; MORETTI-PIRES, R.O. O que se sabe sobre o homem autor de violência contra a parceira íntima: uma revisão sistemática. *Revista Panamericana de Salud Pública*. Washington: OPAS, 2014, p.278–283.

TELES, M. A. & MELO, M.. O que é violência contra a mulher. São Paulo: Brasiliense, 2003. (Coleção Primeiros Passos, 314)

TODOROV, Tzetan. *Los abusos de la memoria*. Barcelona: Paidós, 2000.